

CARLOS ARAUJO

ROMANCEIRO DO  
SÉTIMO CÉU

## Romanceiro do Sétimo Céu

Editoração eletrônica:  
*Carlos Araujo*

Capa:  
*Lamartine Araujo*

Revisão:

Jornalista *Fernanda Simões Braga Araujo*  
Professor *Edvaldo Joaquim Pereira*

# Romanceiro do Sétimo Céu

Carlos Araujo

Copyright © Carlos Araujo

O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor, proprietário do Direito Autoral.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Araujo, Carlos  
Romanceiro do Sétimos Céu / Carlos Araujo -  
São Paulo : Scortecci Editora, 2009  
P.160; 14 X 20,7 cm

ISBN 85 -

---

Ficção. Romanceiro brasileiro  
1. Título

**Grupo Editorial Scortecci**  
Scortecci Editora

Caixa Postal 11481 - São Paulo -SP-CEP 05422-970  
Telefax (11)3032-1179 e 3032-6501  
[www.scortecci.com.br](http://www.scortecci.com.br)  
[editora@scortecci.com.br](mailto:editora@scortecci.com.br)  
Livraria e Loja Virtual Asabeça  
[www.asabeça.com.br](http://www.asabeça.com.br)

## **A g r a d e c i m e n t o s**

Devo agradecer a estes leitores especiais que empregaram horas preciosas de seu tempo para fazer a apreciação crítica e a revisão deste romance:

**Aliomar Joaquim Pereira**

**Edvaldo Joaquim Pereira**

**Fernanda Simões Braga Araujo**

**Lamartine Araujo**

**Mônica Simões Braga Araujo**

Devo agradecimento também a **Boaventura dos Santos** por inspirar o título deste livro.

6 *Carlos Araujo*

## Sumário

|  |     |
|--|-----|
| Prólogo.....   | 09  |
| A Décima.....  | 12  |
| Romanceiro do Sétimo Céu.....  | 13  |
| Ipupiara.....  | 19  |
| Lenda sobre a origem do nome Ipupiara.....                           | 20  |
| Primeiro Sonho - Ipupiara e o Coronel Militão.....                   | 21  |
| Elucidário - Coronel Militão.....                                    | 33  |
| Segundo Sonho - Zé Limeira e a subida do Trovão.....                 | 35  |
| Elucidário - Zé Limeira, poeta do absurdo.....                       | 46  |
| Terceiro Sonho - Antonio Conselheiro e as vinte e cinco igrejas..... | 47  |
| Elucidário - Antonio Conselheiro.....                                | 61  |
| Quarto Sonho - Castro Alves e a cura da tuberculose.....             | 63  |
| Elucidário - Antonio de Castro Alves.....                            | 77  |
| Quinto Sonho - Augusto dos Anjos e a reencarnação.....               | 79  |
| Elucidário - Augusto dos Anjos.....                                  | 99  |
| Sexto Sonho - Noel Rosa e a volta da tuberculose.....                | 101 |
| Elucidário - Noel Rosa.....  | 118 |
| Sétimo Sonho - Patativa do Assaré e a Universidade de Sorbonne...    | 119 |
| Elucidário - Patativa do Assaré.....                                 | 135 |
| Bibliografia.....  | 139 |



8 *Carlos Araujo*

## Prólogo

### Onironauta

Os sonhos ocupam a atenção do ser humano desde os tempos mais remotos. Alguns povos antigos achavam que os sonhos eram a chave do conhecimento mágico e espiritual nos quais seriam reveladas passagens secretas para acontecimentos do passado, presente e futuro.

Para Freud, “o sonho diz respeito ao inconsciente e a fenômenos psíquicos durante o sono, sendo assim um mapa do inconsciente. Para ele, o conteúdo visível do sonho é a história que se desenrola, mas, o que mais interessa é o que está por trás da história, os impulsos inconscientes que a originaram”.

Como os sonhos estão ligados ao inconsciente, eles não estão presos a uma seqüência lógica daquilo que acontece e a leis de espaço e de tempo do mundo físico. Recheados de ocorrências do cotidiano e de impulsos inconscientes, em geral, tudo parece estranho num sonho, onde muitas vezes somos espectadores, como que vendo um filme, e noutras vezes somos protagonistas de histórias surreais, *onde tudo é possível e desejos inconscientes podem vir à tona*. O sonho funciona como um mediador de forças entre o consciente e o inconsciente, fazendo com que situações agradáveis possam ser mantidas e prolongadas durante o sonho, e possam ser interrompidas situações ameaçadoras.

“Os sonhos são formados por um complexo conjunto de fatores que ainda não foram totalmente desvendados, seja por místicos ou por cientistas, mas que sempre farão parte da vida do ser humano. Os sonhos podem revelar outro mundo, outro “eu”.”

Sem mais preâmbulos, devo confessar que sou um sonhador contumaz. De modo geral, sonho todas as noites e, às vezes, nas horas mais improváveis, com as pessoas e coisas mais improváveis.

De tanto sonhar, repentinamente, comecei a ter apercepção consciente em determinado estado ou condição enquanto sonhava, resultando em experiência na qual já tinha recordações muito claras (“lúcidas”) e meio nítidas, e me vinha a impressão de ter tido controle e capacidade de interferência direta sobre as ações e, algumas vezes, sobre o próprio desenrolar dos enredos dos meus sonhos. Essas experiências completas, do início ao fim, me levaram a perceber que eu estava tendo os chamados “sonhos lúcidos”. Já chegava a ter sonho dentro dos meus próprios sonhos.

O Dr. Stephen LaBerge, pesquisador e autor de livro sobre o assunto, definiu o “sonho lúcido” como “sonhando enquanto sabemos que estamos sonhando”.

Para LaBerge, os ditos “sonhadores lúcidos” quase sempre descrevem seus sonhos como animados, coloridos, e fantásticos. Alguns comparam esses enredos a uma experiência espiritual e relatam que alguns desses acontecimentos chegaram a mudar suas maneiras de viver ou suas percepções em relação ao mundo em que vivem. Alguns dos ditos “sonhadores lúcidos” afirmam que seus sonhos são como uma “hiper-realidade”, aparentando muitas vezes serem mais reais que a própria “realidade em vigília”, e que todos os elementos que compõem a realidade dos sonhos são amplificados. Sonhos lúcidos são prodigiosamente recordados em comparação a outros tipos de sonhos, até mais que os próprios pesadelos, que supostamente podem ser prescritos como um meio de se livrar de um sonho dramático ou alarmante.

A aptidão de sonhar lucidamente pode nos oportunizar experimentar qualquer coisa imaginável, superar limitações, medos e pesadelos, explorar nossas mentes, viver aventuras incríveis e descobrir a consciência transcendente.

Os sonhos comuns podem nos dar pistas dessas possibilidades, através de sua violação das regras da vida desperta, e sua oferta ocasional de percepções a respeito de nossas vidas. “A arte de sonhar é uma habilidade que se pode aprender, e sou compelido a acreditar que o nível mais elevado dessa capacidade se encontra nos “sonhos lúcidos”. Eles são sonhos em que

se que está sonhando, e em que se tem consciência de que o sonho é uma criação da própria pessoa”, afirma LaBerge.

A lucidez nesses sonhos desencadeia uma sensação assombrosa e empolgante de liberdade; a ideia de que se pode fazer qualquer coisa, livre dos limites de qualquer lei da física ou da sociedade. “Um dos primeiros prazeres de muitos sonhadores lúcidos é o de voar, como um pássaro, livres das amarras da gravidade. A partir daí, as pessoas podem ir além, para descobrir o grande poder dos “sonhos lúcidos”, de transformar suas vidas”.

O Dr. LaBerge não defende simplesmente que se sonhe acordado para se obter todo esse maravilhoso conteúdo transcendental. Segundo ele, “quando estamos acordados, somos lógicos e nos sentimos restritos pelas regras sociais convencionais e as opressivas leis da natureza. Nossa imaginação estaria reprimida demais pela nossa consciência desperta para que nos permitisse voar com os espíritos ou ver ramos intrincados. Assim, precisamos dormir para libertar a imaginação. Ao menos isso é menos perigoso que tomar alucinógenos para liberar a alma”.

“A lucidez e o controle dos sonhos não são a mesma coisa. É possível estar lúcido e ter pouco controle sobre o conteúdo do sonho ou, pelo contrário, ter grande controle sem estar explicitamente ciente de que se está sonhando. Apesar disso, tornar-se lúcido num sonho tende a aumentar sua influência voluntária sobre o curso dos eventos. Uma vez que se sabe que está sonhando, é provável que se escolha alguma atividade que só é possível em sonho. Sempre se tem a escolha de quanto controle se quer exercer, e de que tipo. Por exemplo, pode-se continuar com o que quer que se esteja fazendo no momento em que ficar lúcido, com o conhecimento adicional de que se está sonhando. Ou pode-se tentar mudar tudo - a cena do sonho, a si próprio, outros personagens do sonho, etc. Nem sempre é possível fazer “mágica” nos sonhos, como transformar um objeto em outro ou transformar cenas. A capacidade do sonhador de ter sucesso nisso depende muito de sua confiança. Se acreditar que não pode fazer algo num sonho, provavelmente não será capaz de fazê-lo”.

Depois de fazer uma longa reflexão sobre tudo isso, passei então a me considerar e me senti um **Onironauta!** - Oniro, do grego óneiros, Sonho + Nauta, do grego náutés, navegante/explorador.

Onironauta é o explorador do sonho. O ser humano que se aventura na mais fascinante e profunda de todas as viagens - a viagem ao universo criado pela própria Mente.

Para se tornar um Onironauta, os pré-requisitos essenciais são: intensa motivação, perseverança e abertura de espírito. Há que se ter aspiração verdadeira à compreensão do Universo, da Existência e da natureza da Consciência.

Nessa quadra da História em que a humanidade adquiriu, finalmente, considerável avanço tecnológico e já se lançou à procura de novos mundos no universo físico, os onironautas aventuram-se na exploração do universo das ideias, das emoções e da...psiquê.

A maior dificuldade dos onironautas interessados em sonhos lúcidos é a de conseguir se lembrar dos sonhos.

A Psicóloga, Ph.D, Gayle Delaney, no “Livro de Ouro dos Sonhos”, dá sete técnicas fundamentais para ajudar alguém a se lembrar dos sonhos: “1 - Mantenha uma caneta e uma folha de papel sempre ao lado da sua cama;

2 - Durma o suficiente. A maioria de nós realmente precisa de oito ou mais horas de sono para se sentir bem e recordar mais facilmente dos nossos sonhos;

3 - Antes de dormir faça anotações do dia em seu diário. Bastam quatro linhas sobre o que você fez e sentiu nesse dia. Isso aumentará muito sua capacidade de se lembrar de um sonho pela manhã;

4 - Acorde naturalmente. Assim, em geral acordará logo após seu sonho noturno mais longo. Se estiver dormindo o suficiente, não terá de ser acordado subitamente por um despertador;

5 - Fique deitado por um momento e pergunte a si mesmo “o que estava passando por minha mente”? Adquira o hábito de ter esse pensamento antes de se perguntar que dia é ou o que tem de fazer hoje;

6 - Anote seu sonho de qualquer modo que se lembrar. Se estiver com pressa, faça poucas anotações. Elas podem bastar para trazer o sonho de volta à sua memória quando você tiver mais tempo;

7 - Se você não se lembrar de um sonho, force-se a anotar uma frase sobre qualquer coisa que sentiu ou que lhe ocorreu quando acordou. Com o

transcorrer do tempo, esse hábito convencerá sua memória de que se esquecer de um sonho não o livrará da necessidade de fazer anotações dele num papel.

Após praticar exaustivamente todas essas técnicas por algum tempo, pensando em certo assunto pendente em toda a minha existência: a busca de um fundamento religioso, me achei, em certa noite, num sono REM, em um “sonho lúcido” de cenário de deslumbramento, lendo um livro de teor surpreendente:

## **Sétimo Céu**

### O número sete

“O número sete representa simbolicamente a completude perfeita em inúmeras referências bíblicas, a exemplo dos sete dias da semana. A Bíblia apresenta o sete como um número “perfeito” e pode-se constatar na própria Natureza como esse número está presente em tudo. A razão do número sete é insondável e se prende com a pré-determinação de Deus. Está escrito em Gêneses 1:1 “No Princípio, criou Deus os Céus e a Terra”. Esta afirmação foi escrita há três mil e quinhentos anos, numa frase, em Hebraico, que tem sete palavras. Sete é o número de Deus. Aquilo que Deus faz, a favor do homem, traduz-se, inúmeras vezes, na Bíblia pelo número sete. O sete representa aquilo que está completo, a plenitude, o que é perfeito, aquilo que Deus faz e que nada falta e nada se lhe pode acrescentar.

Também na cultura judaica, que influenciou tanto o cristianismo quanto o Islã, o sete é considerado um número perfeito. Assim, no Alcorão o mundo espiritual é dividido em sete “camadas”, sendo a mais alta, a sétima, o trono de Alá.

As esferas espirituais são as diversas subdivisões vibratórias do Mundo dos Espíritos. Estão para a vida extra-física assim como os continentes e os países estão para o mundo físico. Os antigos já aceitavam a idéia da existência de muitos Céus superpostos, de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas, e tendo a Terra como centro.

Essa ideia, que foi a de todas as Teogonias, fazia dos Céus os diversos degraus da bem-aventurança; o último deles era abrigo da suprema felicidade. Segundo as opiniões mais comuns naqueles tempos, havia Sete Céus e daí a expressão “estar no Sétimo Céu”, para exprimir perfeita felicidade.

Na filosofia budista, o lugar de beatitude e conhecimento absoluto chama-se nirvana, onde já não existe sofrimento humano. Chega-se a ele pela supressão do desejo e da consciência individual, e pelo adestramento do corpo e do espírito na busca da perfeição que conduza à iluminação. Em sânscrito, aliás, nirvana significa extinção. Alcançá-lo é a meta suprema da renúncia e da meditação.

De fato, a jornada rumo à plenitude é muito difícil. Mas os que já a atingiram exibem o jeito transcendente de quem transmite paz por todos os poros.

No livro *Nosso Lar*, de autoria mediúnica do Espírito André Luiz, pelas mãos de Chico Xavier, é passado a nós compreender, com grande profundidade, as regiões extra-físicas. É dito ali que o mundo dos Espíritos é subdividido em várias faixas vibratórias concêntricas, tendo a Terra como centro geométrico. A atmosfera espiritual das diversas esferas será tanto mais pura e eterizada quanto mais afastadas da crosta elas estiverem. Os Espíritos de maior luminosidade habitarão, naturalmente, as esferas mais afastadas, embora tenham livre trânsito entre elas, e com frequência visitem as esferas inferiores em tarefas regenerativas e esclarecedoras.

O vocábulo Céu se diz, comumente, do espaço indefinido que circunda a terra e, mais particularmente, da parte que está acima do nosso horizonte. Vem do latim *caelum*, formado do grego *koitos*, ôco, côncavo, porque o Céu parece aos nossos olhos como uma imensa concavidade.

## Os Sete Céus

Segundo os muçulmanos, não existe apenas um único Céu, e sim sete, todos superpostos.

Enfatizam os ensinamentos judaicos no Talmud (registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo), que o Universo é composto de Sete Céus, como a seguir:

**Primeiro Céu: 1 - Vilon, Shamaim ou Yeriot** – (Cortina ou Tenda) Lá se encontra a Arca do Pacto celestial que ilumina o mundo. Ao amanhecer, como uma cortina que se abre, permite que a luz do dia comece a brilhar, e a noite ela se fecha impedindo a luz do sol de chegar aqui à Terra. Desta maneira, este Céu renova a cada dia o trabalho da Criação. Segundo esses ensinamentos, “a Arca de Deus mora entre cortinas (Yeriot)” ou “Ele, que estende os Céus como uma cortina e os molda como uma tenda” Em Vilon, pode-se aperfeiçoar a nossa experiência de Deus na contínua recriação de tudo o que existe.

**Segundo Céu: 2 - Rakiá** – (Firmamento ou Expansão) Em Rakiá o sol, a lua, as estrelas e as constelações estão suspensas. Está dito que “Haja um firmamento (Rakiá) no meio das águas”; “E Deus chamou ao firmamento (Rakiá) Céus”; “Sobre a face do firmamento (Rakiá) dos Céus”. Neste Céu encontramos a Academia de Estudos Celestiais (Yeshivah shel Ma’alah).

Existe uma passagem no Tanach que diz: “Também ao se ouvir uma voz no firmamento (Rakiá), acima de suas cabeças, paravam e baixavam suas asas”. Isto alude à afirmação Talmúdica de que os segredos místicos da Criação não devem ser expostos em público, assim também o ensino referente aos Segredos da Carruagem Divina (Merkavá), apresentada no primeiro capítulo de Ezequiel, também deve ser restringido.

Da mesma forma como Ezequiel observou a Carruagem Divina (Merkavá), Jacob (Yaacov Avinu) também a viu em seu sonho com a escada que subia aos Céus (Rakiá).

**Terceiro Céu: 3- Shechakim** – (Pulverizadores ou Nuvens) Neste Céu, o maná é triturado no moinho de pedras, o qual é preparado para os tsadikim (justos).

Nos Salmos temos: “Entretanto, deu às nuvens (Shechakim) instruções e abriu as portas do Céu, fazendo chover sobre eles o maná”.



Também temos em Deuterônômio “O Deus que sempre está em tua ajuda também cavalga nos Céus (Shechakim) com Sua glória”.

Aqui, a nossa experiência de Deus nos chama pelo nome, e nos dá uma missão a ser cumprida na terra.

**Quarto Céu: 4- Zevul** – (Templo - Casa) Neste Céu encontra-se o altar do Templo Sagrado da Yerushalaim (Jerusalém) celestial, sobre o qual o grande príncipe angelical Michael oferece suas oferendas de sacrifícios.

Em Isaías temos: “Dos Céus, volta para baixo o Teu olhar e mira-nos na Tua sagrada e gloriosa Casa (Zevul)”.

A Jerusalém celestial é construída como a Jerusalém terrestre, mas ao invés de elevar-se pedra sobre pedra, como esta última, está sendo levantada através das ações de bondade, verdade e justiça entre os seres humanos.

A nossa experiência de Jerusalém e do Templo Sagrado neste Céu, tal como existe no reino espiritual, está pronta a materializar-se no reino físico.

**Quinto Céu: 5- Maon** – (Habitação - Morada) Este Céu é uma habitação para multidões de anjos (Malachim) que entoam canções de louvor a Deus, com música e instrumentos durante a noite. Porém, permanecem em silêncio durante o dia, em consideração aos cânticos do povo de Israel. Encontramos: “Cantai, ó Céus, e regozijai, ó Terra, e irrompei em cânticos”. Em Deuterônômio temos: “Olha desde a morada (Maon) de Tua santidade, desde os Céus, e abençoa Teu povo Israel.

Em Maon a experiência com as forças Divinas que atuam na natureza, nos tornam capazes de tentar emular, ou seja, reproduzir o estilo ou a maneira com que Deus atua em nossas vidas.

**Sexto Céu: 6- Machon ou Shmei haShamaim** (Habitação ou Fundação) Neste Céu Machon encontra-se abaixo do Kissê HaKavod (Trono de Esplendor) do Eterno. Aqui se fazem juízos sobre a Terra. Alguns para perdoar, outros para castigar as transgressões contra a Torá.

Neste Céu, estão os celeiros de granizo e os depósitos de neve, bem como o orvalho nocivo, além das fortes chuvas, tormentas, câmaras em que são traçados os tufões e da gruta enfumaçada com seus portões de fogo. Todas estas citadas são utilizadas para a retaliação contra os ímpios.

Temos: “Ele está envolvido por densas e escuras nuvens, e justiça e direito formam as fundações (Machon) de Seu trono” ou “De Sua habitação (Machon), a todos os habitantes da terra dirige Seu olhar”.

Lemos no versículo “Ve’ Atah tishma ha’ Shamaim, Machon leShivtecho” – “É ali, onde Deus habita, que as nossas preces são ouvidas e aceitas”.

A experiência com o Nome inefável de Deus (Havayah), neste Céu, faz Sua onipotência e onipresença, refletirem em cada aspecto da nossa realidade.

**Sétimo Céu: 7- Aravot** – (Salgueiros ou Janelas). É o mais elevado de todos os Céus. Encontram-se nele os tesouros da vida, da paz e da bênção, além do Bem da Justiça e a Caridade. Em Aravot habitam as almas de todos os justos e as almas dos que estão destinados a nascer além do sopro de vida com que Deus vai ressuscitar os mortos. Temos: “(...) as vistas dos que das janelas (Aravot) estendem seus olhares”, ou “Ainda que o Eterno fizesse janelas (Aravot) no Céu”.

Em Aravot, a alma (Neshamá) transporta nossas lembranças e o registro de nossas ações perante Deus.

Aqui atingimos o derradeiro estado de Bitul, ou seja, da verdadeira auto-anulação com relação a Deus, tornando-nos uma “carruagem” Divina, um veículo de Deus, para cumprir Sua vontade na Criação... “

Depois de procurar assimilar mentalmente todo conteúdo desse Livro Onírico, com a lucidez e controle de onironauta, intuí que aquilo era uma mensagem e um sinal para eu procurar conhecer os Sete Céus através de meus “sonhos lúcidos. E foi o que se deu.

**O primeiro sonho** foi numa segunda-feira - com o Coronel Militão Rodrigues Coelho, que teve contendas históricas, no início do Século XX, com o Coronel Horácio de Matos na Chapada Diamantina, na Bahia. Esse meu sonho evidencia um desejo curioso do Coronel Militão. No sonho, o principal objetivo da vida dele era tão somente mudar o nome do lugar onde nasceu – **Fundão** – hoje Ipujiara, porque não gostava daquele nome. Considerava o nome horroroso. Morreu sem ver seu desejo ser realizado e foi parar no **Primeiro Céu**, por engano.

**O segundo sonho** foi numa terça-feira, com Zé Limeira, o chamado Poeta do Absurdo. Um paraibano inventa um foguete que, diz ele, fará chover no Nordeste. O sujeito bota o nome da tranqueira de “Trovão”. O inventor é supersticioso e exige que Zé Limeira vá ao espaço comandando o foguete, pois só assim, seu invento fará realmente chover. O projeto termina sendo um tremendo fracasso e, dessa maneira, Zé Limeira vai parar no **Segundo Céu**.

**O terceiro sonho** foi numa quarta-feira, com Antonio Conselheiro. Já foram escritos mais de quinhentas obras sobre a vida dessa importante figura da história brasileira. No entanto, existe um fato pouco focalizado de sua vida. Ele teria feito uma promessa para construir vinte e cinco igrejas, simbolizando seus parentes mortos nas brigas entre os Maciel e os Araújo, no interior do Ceará. No sonho, ele diz ter morrido sem poder cumprir totalmente a promessa.

**O quarto sonho** foi numa quinta-feira, com o poeta Castro Alves. O poeta baiano morreu de tuberculose aos vinte e quatro anos de idade e foi parar no **Quarto Céu**. No sonho, o Comitê Celeste mandou seu espírito de volta à Terra. Segundo deliberação do Comitê Celeste, o poeta Condoreiro era muito importante e, por isso, não deveria ter morrido tão novo. A ciência já deveria ter descoberto a cura da tuberculose na ocasião de sua morte. Seu espírito teria que ser reencarnado, imediatamente, em outro poeta.

**O quinto sonho** foi numa sexta-feira, com o poeta Augusto dos Anjos. Determinado espírito foi escalado pelo Comitê Celeste para reencarnar em Augusto dos Anjos. Ocorre que um tio dele, também de nome Augusto, morreu no período de sua gestação e sua alma teimou em ficar no lugar desse espírito, e terminou armando a maior confusão. O espírito originalmente escalado desistiu de reencarnar no poeta e foi chamado um substituto. A alma do tio, ainda em estado de perturbação foi mandada para o mundo dos espíritos para apurar o fato, no **Quinto Céu**.

**O sexto sonho** foi num sábado, com o compositor e cantor carioca Noel Rosa, no **Sexto Céu**.

**O sétimo sonho** foi num domingo, com o poeta e cantador Patativa do Assaré, no **Sétimo Céu**.

Os sete sonhos são narrados em forma de Romanceiro, através da **décima , em redondilha maior (sete pés)**, uma das trinta e seis modalidades da poesia popular do Brasil. Ela já era uma estrofe usada na literatura clássica da Europa do século XV e XVI. Segundo alguns autores, a décima veio para América através dos colonizadores e aqui ganhou força, especialmente no canto improvisado, fundindo num tipo de improviso muito particular.

Sua estrutura rimática ABBAACDDC, com versos setissílabos ou octossílabos, é leito do improviso ou verso escrito em vários países como Argentina, Brasil, Chile, Cuba, Espanha, Ilhas Canárias, México, Panamá, Perú, Porto Rico, Venezuela, etc.... Sua potencialidade poética é tão grande que pode ser vista como um poema.

Existem outros tipos de décimas que não seguem este rigor rimático, por exemplo ABBCDDEED, ABBACCBDDDB, ABCCDDCCD, ABCBDDEFFE (como a usada por Castro Alves) ou totalmente sem rima, que também são décimas, mas não podem ser consideradas como a clássica Décima que é usada para improviso no Nordeste do Brasil.

Neste Romanceiro é usada a variante rimática ABBCDDEED, onde o primeiro verso é considerado branco

20 *Carlos Araujo*

E não foi vosso fôlego que ergueu e solidificou  
a estrutura de vossos ossos?

Gibran Khalil Gibran

## Romanceiro do Sétimo Céu

*Em memória de minha avó Alexandrina Pereira de  
Araujo e de meus irmãos Sílvio e Humberto*

*A minha esposa Cleonice e minhas filhas  
Mônica, Fernanda e Camila*

22 *Carlos Araujo*

1

Nosso insondável mistério  
Tem enredo encantador  
Ninguém jamais decifrou  
Esse mistério do Sonho.  
Em romanceiro eu exponho  
Esse tema, esse assunto  
Que levanta até defunto  
Do fundo da sepultura.  
Nele qualquer criatura  
Vem conviver nesse Mundo

2

O Freud conceituou  
Esse prodígio da mente  
Que involuntariamente  
Ocorre durante o sono.  
Ele nos bota no trono,  
É desejo, aspiração.  
Coisa bonita, visão,  
Fuga da realidade,  
Busca da felicidade,  
É fantasia, ilusão.



3

Sequência de pensamentos  
No repouso da refrega,  
É quando a alma se entrega  
Em estado de vigília.  
Essa fugaz maravilha  
Que nos faz rir e sofrer  
É comum de acontecer  
Também na vida real  
Além de ser natural  
É vital pra se viver!

4

Outra coisa seja dita  
Para eu começar expor,  
Eu asseguro que sou  
Um sonhador contumaz.  
O sonho não me dá “paz”;  
Se dormindo ou acordado  
Sempre estou “oniricado”  
No meu subconsciente,  
E dali vem para a mente  
Já tudo bem destrinchado.

5

Quem chegar ao Sétimo Céu,  
Segundo a Teogonia,  
Alcançará, nesse dia,  
Suprema felicidade.  
Fica bem na imensidade,  
Nos confins da Criação.  
Pra qualquer justo cristão  
É lugar da “vida eterna”.  
De lá é que Deus governa  
Na glória da sagração.

6

A seguir narro em detalhes  
Os sete sonhos que tive  
E com minúcias retive  
Bem no fundo da memória.  
Cada um é uma história  
De teor surpreendente  
E estão intimamente  
Ligados a cada Céu.  
Traço aqui um painel  
Pra ficar tudo evidente:

26 *Carlos Araujo*

## Primeiro Sonho

### Ipupiara e o Coronel Militão

#### Segunda-Feira

#### Primeiro Céu

#### A Batalha do Pega

“Urubu de lá do Pega  
Escreveu ao Presidente  
Que já tá com o bico doce  
De comer carne de gente”.

28 *Carlos Araujo*

7

Na Chapada Diamantina  
Olho a Serra do Carranca  
E bem no meio da rampa  
Vejo lá a Deusa Iara.  
Ela vela Ipupiara  
Dum Lago cor de “cristal”.  
Sua bênção matinal  
Ela manda pelo vento.  
Pra quem está desatento  
Parece coisa normal.

8

Estão lá em Ipupiara  
A minha Deusa e a Serra  
E também naquela Terra  
Vive um povo hospitaleiro  
Naquele solo brejeiro  
Mais do que dar atenção  
Trata com satisfação  
Todos os seus visitantes  
E seus melhores instantes  
São as festas de São João.

## 9

E foi lá que o Velho Boa  
Me falou de Militão  
Um coronel do sertão  
De nossa terra brejeira  
Que passou a vida inteira  
Com certo assunto pendente.  
De caráter resistente  
Esse filho do Lugar  
Chegou até a galgar  
Cargo nobre de intendente.

## 10

Quando preciso mostrar  
A alguém a identidade  
Me vem lembrança e saudade  
Pois vejo no documento  
No lugar de nascimento  
Que Ipupiara está lá  
Sempre a me recordar  
Do torrão onde eu nasci  
Passei minha infância ali  
Até eu ter que migrar.

## 11

Da minha infância inda lembro  
Mãe Nina dando a matula  
Com farinha e rapadura,  
Eu pequeno garimpeiro.  
Um franzino brasileiro  
Lá na casa dos dez anos  
Que já fazia seus planos  
De se mudar da Cidade  
Pois sua realidade  
Era lá só desenganos.

## 12

Talvez por essas e outras  
Ou pura necessidade  
Eu sonhe com a Cidade  
Um dia sim, outro não.  
Isso virou precisão  
Nunca parar de sonhar  
Com várias coisas de lá.  
Mesmo com anos ausente  
Siguia igual penitente  
Sonhando com o Lugar.



## 13

Eu tava num sono REM  
Quando aconteceu então  
Que o Coronel Militão  
Se fez presente em meu sonho.  
Com um ar meio tristonho,  
Zanzando de lá pra cá,  
Ele passou a contar  
Sua verdadeira história,  
Que sai da minha memória  
Pro romanceiro estampar:

## 14

- Qualquer versão da história  
Quem dá é o vencedor,  
Muito fato se inventou  
Pra passar como verdade.  
Porém, a realidade  
Dessas lutas que travei,  
Adiante lhe direi,  
Tinha um motivo claro.  
Não era o poder, meu caro!  
Eu não queria ser Lei.

## 15

- Eu nasci na Imbaúba:  
Militão Rodrigues Coelho  
E ninguém meteu bedelho  
Na criação do menino.  
Lembro que eu era franzino  
E logo fui me encorpando.  
Minha fé foi se firmando  
Com a missa domingueira.  
E assim, dessa maneira,  
O meu tempo ia passando.

## 16

- Desde quando me vi gente  
Eu tracei um objetivo,  
E foi por esse motivo  
Que lutei a vida inteira.  
Minha primeira barreira  
Foi me tornar Coronel.  
E com farda, sabre e anel,  
Para ser mais respeitado,  
Eu tava sempre cercado  
De gente muito fiel.

## 17

- Como qualquer Coronel  
Eu tinha lá minha gente  
Pra me mostrar um valente  
E impor todo respeito.  
O meu amigo do peito  
Era o Miguel Umbuzeiro.  
Muito ladino, matreiro,  
O homem tinha tenência  
E usava a inteligência  
Pra não entrar em vespeiro.

## 18

- Agora deixa eu contar  
Porque estou no seu sonho  
Foi por um erro bisonho  
Dum tal Carlos Araujo.  
Foi aquele dito cujo  
Que fundou esse Lugar.  
Mas achou de batizar  
Nossa vila de Fundão.  
E contra tal xingação  
Resolvi me rebelar.

## 19

- Ao padre fiz a promessa  
Que nossa Terra teria  
Um nome de galhardia  
E defendi minha tese:  
Nenhum lugar que se preze  
Deve se chamar Fundão.  
E era a minha intenção  
Botar um nome decente  
E ficou na minha mente...  
O nome era Jordão!

## 20

- Tudo transcorria bem  
E meu plano dava certo,  
Acompanhava de perto,  
Com Brotas negociava.  
Meu projeto assim estava  
Perto de concretizar  
Ia enfim rebatizar  
A Vila em paz e harmonia.  
Mas uma patifaria  
Fez tudo degradingolar.

## 21

- Se deu em noventa e seis  
O fato que se lamenta.  
O Antonio da Jumenta,  
Jagunço de Clementino,  
Um cabra ruim e mofino  
Que bebeu pra me insultar.  
Não poderia eu ficar  
Sem lhe dar uma “lição”.  
Lhe dei surra de facão  
Que fez nossa paz cessar.

## 22

- O nome não foi mudado,  
A Vila ficou Fundão.  
Só com a libertação  
Poderia acontecer!  
Brotas não ia ceder  
Sem uma luta feroz.  
Mas, acontece que nós,  
Sem querer ser marionete  
Em julho de dezessete  
Nos separamos do algoz!

## 23

- Eu findaria esta história  
Sem tocar no nome “Dele”.  
Acontece que, pra ele,  
As coisas deram mais certo.  
Além de ser muito esperto,  
Mais a praga da versão,  
Ele fez propagação  
E seu nome virou lenda.  
Muitos sabem da contenda  
Entre Horácio e Militão.

## 24

- Fundão e Barra do Mendes  
Se tornaram um Município  
E isso foi, a princípio,  
Ordem do Governador.  
Que também aconselhou:  
Tratar de rebatizar  
Com nome mais salutar  
A nossa vila Fundão.  
Fui alvo de traição,  
Vi meu plano malograr.

## 25

- Horácio não engoliu  
Vitória de Militão  
E foi se juntar então  
Com o Coronel Arcanjo.  
Os dois fizeram um arranjo  
Pra depois nos atacar.  
Usaram de astúcia má,  
Mataram velho e mulher.  
E só por Zeca Sodré  
Aceitei capitular.

## 26

- Depois da triste batalha  
Na qual eu fui derrotado,  
Fugi pra Pilão-Arcado  
E morri de inanição.  
Minha alma em confusão  
A lamentar a má sorte  
E logo depois da morte,  
Veio o anjo Gabriel  
E me levou para o Céu  
Por triste engano de norte.

## 27

O Coronel Militão  
Foi encaminhado então  
Para lugar de oração  
Pelo Comitê Celeste.  
- Gabriel andou no agreste  
E cometeu este engano.  
Volte pro sertão baiano  
Pra cumprir o decidido...  
Quando tudo for cumprido  
Esta porta é seu arcano.

## 28

- Este é o Primeiro Céu  
Onde estamos a rezar.  
Aqui não pode ficar  
Pelos seus erros na Terra.  
Mas lá você não se encerra,  
Haverá sua ascensão,  
Através de promoção  
Subindo grau a degrau  
Para eliminar o mal,  
Até total purgação!



## 29

- Eu revelarei agora  
A expiação a cumprir  
Acabou de decidir  
Esse egrégio Comitê:  
A data para eu morrer  
Não seria aquela não.  
Eu voltarei pro Fundão,  
E aguardarei por lá  
Eu ficarei a zanzar  
Vagando pelo Sertão.

## 30

- No final desse meu sonho  
Lembrei de lhe perguntar:  
Depois de tanto vagar,  
Não findou a purgação?  
Não existe mais Fundão  
E sua morte é real,  
Por que não livrou do mal  
Que trazia em sua alma?  
-Ainda carrego trauma  
Pra vida Celestial!

## 31

- Ainda não fui pro Céu  
Por causa da “dor moral”.  
A vida Celestial  
Carece pureza d’alma.  
O tempo trará a calma  
É o senhor da razão.  
Não findei a purgação  
Pois pra pureza geral  
Terei que subir degrau  
Em devagar promoção.

## 32

- E da nossa Ipupiara,  
Que foi Fundão e Jordão,  
Brotou uma inspiração  
Pra piorar o meu drama.  
Existe em Ibotirama,  
Chamada Capital Céu,  
Um bairro que seu Manoel,  
Chamou “Alto do Fundão”.  
Ele assim, sem ter noção,  
Me deixou aqui ao léu.

42 *Carlos Araujo*

## Elucidário

“Militão Rodrigues Coelho nasceu em Imbaúba - Fundão (atual município de **Ipupiara**) aos 20 de Outubro de 1859. Era filho do casal Manoel Rodrigues Coelho e D. Norberta Olímpia Sodré Coelho. Casou-se duas vezes, teve 10 filhos e 41 netos.

O ponto de partida para as desavenças entre Militão e a família de Horácio de Matos foi quando, em 1896, um jagunço do Coronel Clementino Pereira de Matos, chamado “Antônio da Jumenta”, depois de uma horrível bebedeira, insultou Militão e acabou levando uma surra de facão.

Militão teve uma vida inteira de lutas. Foi Intendente de Brotas e Barra do Mendes e comandou batalhões de jagunços. Quando do cerco a Brotas, por Horácio, recebeu o apoio do governador Antônio Muniz Aragão, dos chefes de Lençóis e da Estiva. Seu jagunço de confiança era Miguel Umbunzeiro, este deu cobertura à saída de Militão de Barra do Mendes para Pilão Arcado (região do São Francisco) na fazenda do coronel Franklin Lins de Albuquerque. Após uma vida de glórias e poder, não aceitava a capitulação imposta por Horácio. Nos últimos meses de vida, se manteve recluso num quarto e já não aceitava nenhum tipo de comida, só queria fumar e tomar café, morrendo de inanição.

O Coronel Militão Rodrigues Coelho faleceu em Pilão Arcado a 8 de Dezembro de 1919, dia da Padroeira de Barra do Mendes, Nossa Senhora da Conceição.

Seus restos mortais jazem submersos nas águas turvas da barragem de Sobradinho”.

Os fatos desta primeira história foram revelados, em sonho, numa noite de segunda-feira, pelo Coronel Militão Rodrigues Coelho a Noel Serafim.

## Ipupiara

“O território pertencente ao município de Ipupiara integrava o município de Brotas de Macaúbas. Seus primeiros desbravadores foram indígenas. O primeiro proprietário branco de terras foi **Carlos** Rodrigues de **Araújo** Barreto, que arrendou a Fazenda **Fundão**, dos herdeiros do Conde da Ponte. A descoberta de ouro na Chapada Diamantina, motivou a chegada de muitos garimpeiros, que ali se fixaram formando o povoado de **Fundão**. Outros nomes foram tentados mas não “pegaram”. Em 1933, mudou-se o nome para Jordão e finalmente passou a chamar-se **Ipupiara**, por força de Decreto Estadual de 1944. O nome Ipupiara é de origem tupi-guarani, que significa “o que reside na fonte ou habita no fundo das águas”.

Pela lei número 256 de 17 de março de 1847, foi o povoado elevado a freguesia.

**Ipupiara** obteve sua emancipação político-administrativa em 8 de agosto de 1958, pela lei Estadual número 1.015.

Entre as personalidades que lutaram pela emancipação política destacam-se: Artur Ribeiro, Antônio José dos Santos, Osvaldo Leite da Silva, Aristides Silva, entre outros.

O município de Ipupiara localiza-se encravado na Micro-Região da Chapada Diamantina Meridional, a 620 km da Capital do Estado, Salvador. Possui dois distritos: o de Ibipetum e o de Ipupiara, e os povoados de Riacho das Telhas, Lagoa da Boa Vista, Pintadas, Bela Sombra, Sodrelândia, Poço de Areia, Capim de Raiz, Pratina, Poço de Canolo, Olhos d’água, Chiquita, Queimadas, Traçadal e outros.

O território ocupa uma área de aproximadamente 1.031 quilômetros quadrados e sua sede está situada a uma altitude de 780 metros acima do nível do mar”.

## Lenda sobre a origem do nome Ipupiara

“Os cronistas dos séculos XVI e XVII registraram essa história. No princípio, o personagem era masculino e chamava-se **Ipupiara**: homem peixe que devorava pescadores e os levava para o fundo do rio. No século XVIII, **Ipupiara** vira a sedutora sereia **Iara**. Todo pescador brasileiro, de água doce ou salgada, conta histórias de moços que cederam aos encantos da bela **Iara** e terminaram afogados de paixão. Ela deixa sua casa no fundo das águas no fim da tarde. Surge magnífica à flor das águas: metade mulher, metade peixe, cabelos longos enfeitados de flores vermelhas. Por vezes, ela assume a forma humana e sai em busca de vítimas.

Quando a Mãe das águas canta, hipnotiza os pescadores. Um deles foi o índio Tapuia. Certa vez, pescando, Ele viu a deusa, linda, surgir das águas. Resistiu. Não saiu da canoa, remou rápido até a margem e foi se esconder na aldeia. Mas enfeitiçado pelos olhos e ouvidos não conseguia esquecer a voz de **Iara**. Numa tarde, quase morto de saudade, fugiu da aldeia e remou na sua canoa rio abaixo.

**Iara** já o esperava cantando a música das núpcias. Tapuia se jogou no rio e sumiu num mergulho, carregado pelas mãos da noiva. Uns dizem que naquela noite houve festa no chão das águas e que foram felizes para sempre. Outros dizem que na semana seguinte a insaciável **Iara** voltou para levar outra vítima”.

46 *Carlos Araujo*

## Segundo Sonho

### Zé Limeira e a subida do Trovão

Terça-Feira

### Segundo Céu

“Os hemisférios do prado  
As palaganas do mundo,  
Os prugis da Galiléia,  
Quelés do meditabundo,  
Filosomia Regente,  
Deus, primeiro sem segundo”.

Zé Limeira



48 *Carlos Araujo*

## 33

Zé Limeira me contou  
Que quase ficou pinel  
Quando foi parar no Céu  
É do jeito que chegou.  
Ninguém sequer perguntou  
Como chegou d'outro mundo.  
Parou, e respirou fundo!  
Tinha que pensar com calma.  
Estava ali era em alma?  
Seria mesmo um defunto?

## 34

Perguntou: – Cadê São Pedro?  
-Por que não está na porta?  
Disseram: - Isso é lorota,  
Conversa pra boi dormir.  
- Repare bem isso “Aqui”  
Vai precisar de porteiro?  
Onde não corre dinheiro,  
E a comida é manjar!  
Vai tratar de se arranjar,  
Se vira, meu companheiro!

## 35

- Em plena segunda-feira  
Arrumei meu matulão  
E me escanchei no Trovão  
Em noite de lua cheia.  
Aonde a Terra margeia  
Eu desviei do arrebol,  
Tirei um fino no Sol,  
Passei por Marte e Plutão  
E veloz como um tufão  
Trovão ficou sem farol.

## 36

- Naquele exato momento  
Tudo ficou meio escuro  
Fui parar perto dum muro  
Jogado fora do assento.  
E quando olhei lá pra dentro  
Divisei Zé de Miguel,  
Um defunto tabaréu  
Lá da Serra do Teixeira.  
Foi assim, dessa maneira,  
Que eu fui parar no Céu.

## 37

- Olhei pra todos os lados  
Buscando me orientar  
Será que vão duvidar,  
Também da minha existência?  
E naquela turbulência  
Vi alguém ficar de pé:  
-Diga lá quem você é,  
É real ou ilusão?  
-Eu não sou assombração,  
Mande chamar Assaré.

## 38

- “Nesta vida passageira,  
Há coisas que muito pasma,  
Disseram que Zé Limeira  
É um poeta fantasma.  
Um cantador fictício,  
Por isso com sacrifício  
Querendo ser sabedor  
Viajei com paciência  
Pra saber da existência  
Do famoso cantador.”

## 39

- “Saí do meu Ceará  
Para tirar este engano  
Parando aqui acolá  
No mapa Paraibano.  
Pra saber toda verdade  
Cheio de curiosidade  
Perguntei a velho e moço  
E não dei um passo a esmo,  
Pois Zé Limeira foi mesmo  
Poeta de carne e osso”.

## 40

- Vocês podem perguntar  
Como montar num Trovão  
Se em qualquer estação  
Pouco chove no Nordeste!  
É que o Cabra da Peste  
Não é de chuva de inverno  
É todo feito de ferro,  
Invenção nacional,  
Em seu voo inaugural  
Lá da “Barreira do Inferno”.

## 41

- Foguete paraibano  
Batizado de Trovão  
Que tinha a santa missão  
De, no ar, fazer chover.  
Mas pra isso acontecer  
Tinha que ir lá no espaço  
Bombardear o mormaço  
Para a precipitação,  
E para azar do Sertão  
Foi um tremendo fracasso.

## 42

- O inventor do foguete,  
Homem de superstição,  
Impôs certa condição:  
Só despachava a tranqueira  
Se levasse Zé Limeira  
Improvizando em “cordel”  
Com “pinho”, lenço e chapéu.  
Como deu pra perceber,  
Em vez de fazer chover  
Me levou direto ao Céu.

## 43

- Quando saí da tranqueira  
E levantei meu chapéu  
Todos ficaram, no Céu,  
Com ar de estupefação.  
Porque aquela inscrição  
Da base de lançamento  
Com nosso deslocamento  
Vi que a “Barreira” sumiu,  
E “Do Inferno” reluziu  
No lado daquele invento.

## 44

- E começaram a gritar  
Que eu era assombração  
Enviada pelo Cão  
Das profundezas do Inferno.  
Eu clamei ao Pai Eterno  
E chegou mestre Assaré  
Que jurou ali de pé  
Que eu era Zé Limeira  
Lá da Serra do Teixeira,  
Cantador de muita fé.

## 45

- Pediram comprovação  
Do que o Mestre propagou  
E logo alguém provocou:  
-Por que não prova o que fala?  
Se é mesmo o que propala  
Pega lá sua viola  
E veja se não se enrola  
Numa improvisação,  
Mostre sua inspiração,  
Tire versos da cachola.

## 46

-Não viajo de jumento  
Nem carrego baioneta  
Quem matou o cão foi baeta  
Diz o Novo Testamento.  
Completando o pensamento  
Dessa “improvisação”:  
“A desgraça de Sansão  
Foi trair Pedro Primeiro  
Diz o grito do vaqueiro  
Nas quebradas do sertão”.



## 47

- “O caminhão de Cabral  
Quando aterrissou no cais  
Melado de lama atrás  
Ele foi e pintou de cal  
Correu pro Banco Central  
Montado numa cachorra  
Deu tiro que só a porra  
Na guerra do Paraguai  
Do jeito que a coisa vai  
Talvez a pobreza morra!”.

## 48

E o Mestre do Absurdo  
Foi encaminhado então  
Para lugar de oração  
Pelo Comitê Celeste.  
-Saibas tu que aqui vieste  
Para a última morada,  
Isso tem hora marcada,  
Como Deus determinou.  
Pra chegar ao Criador  
Eis tua porta de entrada!

## 49

- Este é o Segundo Céu  
Onde estamos bendizendo,  
É o que estás merecendo  
Pelos teus feitos na Terra.  
A alma aqui não se encerra,  
Haverá tua ascensão,  
Através de promoção  
Subindo grau a degrau  
Para eliminar o mal  
Até total purgação!

## 50

Foi assim que sucedeu  
A “subida” de Limeira.  
Não levem na brincadeira,  
Pois é sonho muito sério.  
Mas permanece o mistério,  
No Nordeste brasileiro  
Sobre o real paradeiro  
Do desastrado Trovão.  
Ele não voltou ao chão  
Do Brasil ou estrangeiro.

## Elucidário

### **Zé Limeira, Poeta do Absurdo - (1886 - 1954)**

Segundo Orlando Tejo, Zé Limeira nasceu em Teixeira, Paraíba em 1886. Era um homem simples, de vida pobre, humilde, mas honesto e sempre com um sorriso estampado na face, tinha a estatura avantajada, desinibido e desabusado, carismático e bonachão.

Filho da noite, amante das estradas, pai do absurdo, viajou por boa parte do país, mas nunca usava carros ou outros veículos motorizados, viajava sempre a pé. Assim venceu o mapa da Paraíba e deslocou-se ao Ceará, ao Rio Grande do Norte, à Pernambuco e à Alagoas. Trajava uma roupa extremamente extravagante que era um azul vivíssimo a contrastar com o vermelho aceso da flanela que envolvia o pescoço, onde se via um tosco anelão de pedra azul pendurado, um verdadeiro “Falcão”. Exageradas lentes pretas iluminavam os olhos cor de carvão, quinze anéis grotescos reluziam nos seus dedos possantes e ágeis, carregando sempre a sua viola com dezenas de fitas multicores que balançavam ao vento,

O dia de sua morte foi muito triste. Chamou um grupo de amigos, tocou por um bom tempo pra eles, sempre com o sorriso na boca, e dizendo que não se preocupassem, pois ele tinha um fôlego de sete gatos.

Fonte: Orlando Tejo.

Terceiro Sonho  
Antonio Conselheiro e as  
vinte e cinco Igrejas

Quarta-Feira

Terceiro Céu

“Aí apareceu pelo sertão  
Um monte que passou a cativar  
Tão belo que ajuntou o povo irmão  
Patrão e opressor não tinha lá”.

Enoque Oliveira

60 *Carlos Araujo*

## 51

Mudei em setenta e três  
Pra morar no Maranhão  
Mas eu não tinha a noção  
Do que ia acontecer.  
Logo que disse - prazer!  
Ao primeiro morador  
Ele, espantado, gritou:  
-É Antonio Conselheiro  
Que baixou n'algum terreiro  
É aqui se incorporou!

## 52

Aquilo foi o prenúncio  
Do que viria a seguir,  
Eu tinha chegado ali  
Dessas plagas da Bahia.  
Por não gostar de folia,  
Não dar "valor" a dinheiro,  
Não ir a cabeleireiro  
E ser amável no trato,  
Diziam eu ser o retrato  
Do "beato" Conselheiro.

## 53

Quando já era bancário  
A coisa seguiu assim,  
Só referiam a mim  
Como Antonio Coselheiro.  
Aquilo foi um roteiro,  
Um fato a considerar.  
Minha passagem por lá...  
Por lá... pelo Maranhão  
Virou uma obsessão  
Para eu escrafunchar.

## 54

Esse fato me marcou  
Naqueles anos setenta.  
Minha mente tava atenta  
Pro beato singular.  
E procurei me ligar  
Na vida do Conselheiro  
Esse insigne brasileiro  
De Belo Monte - Canudos  
Que foi alvo até de estudos  
Em países do estrangeiro

## 55

Naquele ano de trinta  
Do século dezenove  
Nasceu em família pobre  
Como Antonio Maciel.  
Seu pai deu graças ao Céu,  
Pegou o filho no braço  
No dia treze de março  
Na Vila Campo Maior.  
Observando melhor,  
Notou que tinha seu traço.

## 56

Quando contava seis anos  
A sua mãe faleceu.  
O menino padeceu  
Por falta daquele amor.  
O seu Vicente casou  
Com Maria Conceição.  
Ela não tinha afeição  
Pelo pequenino Antonio  
E por obra do demônio  
Seu pai virou beerrão.



## 57

Cresceu assim o menino  
Estudando o português,  
Geografia e francês  
Lá em Quixeramobim.  
Teve aulas de latim  
Lá na escola do avô.  
Aos estudos se entregou,  
Teve boa formação,  
Pois o pai tinha a intenção  
De fazê-lo confessor.

## 58

No ano cinquenta e cinco  
No dia cinco de abril  
Seu Vicente sucumbiu -  
Morreu seu progenitor.  
Só deixou tristeza e dor  
E tudo que pôde herdar  
As três irmãs pra cuidar  
Mais o comércio falido  
Muito fiado vencido  
E contas para pagar.

## 59

Casou-se em cinquenta e sete  
Bem no início de janeiro  
Em sete do mês primeiro  
Com a jovem Brasilina.  
Esse fato determina  
Mudança de profissão.  
Ele atendeu em balcão  
Foi rábula e professor,  
Constantemente mudou,  
Parecendo em procissão.

## 60

Seu casamento ia bem,  
Nasceram duas crianças.  
Renovaram as esperanças  
De futuro promissor.  
Porém, teve o dissabor  
De ver a sua mulher,  
A companheira de fé,  
Fugir com policial  
Numa conduta imoral  
Sem explicação qualquer.

## 61

Novamente se mudou  
Após aquele ocorrido.  
Ficou bastante abatido  
Com “desmanche” do seu lar.  
Tempos depois viu chegar,  
Com Joana, mais um filho  
Quando já era andarilho  
Por todo o seu Ceará.  
Qualquer cidade a cruzar  
Já não era um empecilho.

## 62

No ano setenta e três  
A fronteira cruzaria  
E foi visto na Bahia  
Já em peregrinação.  
Tinha a determinação  
De quem tem objetivos  
E dava muitos motivos  
Para alguém acreditar  
Que promessa ia pagar  
Aqui no mundo dos vivos.

## 63

Essas pesquisas eu fiz  
Porque algo me faltava  
Nenhuma “fonte” explicava  
Um fato muito importante.  
Aquela imagem “intrigante”  
Que planejou “Conselheiro”.  
O comerciante e obreiro  
Que “bolou” um “visual”  
Que fascinou sem igual  
No cenário brasileiro:

## 64

De barba e grandes cabelos  
Alto e magro de feição  
Com batina de azulão  
Nos pés sandálias de couro.  
Imagem de bom agouro  
Só andava de bastão  
E na cintura um cordão  
Com enorme crucifixo.  
Naquela imagem me fixo  
Procurando explicação.

## 65

Não bastasse aquela “imagem”  
Tinha um certo ritual.  
Era caso habitual  
Pedir ao rico pro pobre.  
Essa atitude tão nobre  
Dava mais o que pensar  
E só fazia espalhar,  
Pelo sertão, sua fama.  
Aquilo era uma trama  
Difícil de destrinchar.

## 66

E nesse ponto eu parei  
Pensando o que fazer.  
- Continuar a escrever  
Sem essa luz clarear?  
Refletindo, fui deitar  
Tava cansado e dormi  
E no sonho eu consegui!  
É que nesse sonho meu  
Conselheiro apareceu  
E me contou tudo...\*ali.

## 67

- \*O fato que quer saber  
Eu fiz de caso pensado,  
Depois de ter estudado  
A mente do sertanejo  
Eu auscultei seu desejo  
Para a minha atuação.  
Fiz essa “transformação” -  
Trabalho de marqueteiro.  
No Brasil fui o primeiro  
A ter essa profissão.

## 68

- Ocorreu no Ceará  
A desavença cruel  
Da família Maciel  
Com todos os Araújo.  
Não havia um só refúgio,  
Isso marcou gerações,  
Ensanguentou os sertões  
Com morte de vinte e cinco.  
Eu rezei com muito afinco  
Pra cessarem as agressões.

## 69

- Nessas minhas orações  
Fiz promessa benfazeja:  
Construir uma igreja  
Pra cada morte ocorrida.  
E que toda essa ferida  
Viesse a cicatrizar  
Que jamais no Ceará  
Reinasse a desarmonia.  
Vim pro sertão da Bahia  
Meu sonho concretizar.

## 70

- O final da minha história  
Você já sabe de sobra  
Em todo tipo de obra  
Escrita por bacharel  
Em folhetos de cordel  
E teses de doutorado  
Já tive o crânio estudado  
Pra saber se fui normal.  
Pois na busca do “ideal”  
Vi meu povo trucidado.

## 71

- Eu só pretendia erguer  
Essas casas de oração  
E não sei porque razão  
Parei no Vaza-Barris.  
Por um capricho infeliz  
Construí uma cidade  
Que teve a capacidade  
De se auto-sustentar.  
Todos corriam pra lá  
Para o lugar de igualdade.

## 72

- Canudos, em quatro anos,  
Lá no sertão era a tal.  
Foi notícia de jornal -  
E incomodou a Nação.  
E o presidente de então,  
O Prudente de Moraes,  
Despachou seus “federais”  
Para nos aniquilar.  
Conseguiram consumir  
E o fato foi pros anais.



## 73

- Não cumpri minha promessa,  
Parei lá pela metade.  
Não tive a serenidade  
Cresceu minha empolgação.  
E essa minha ambição  
A mente me confundiu.  
A morte me consumiu  
E para meu desconforto  
Cada um parente morto  
Vi multiplicar por mil.

## 74

- Cheguei ao Terceiro Céu  
Bem no dia que eu morri  
E o Comitê dali  
Decretou na ocasião  
Que para minha ascensão  
Por cem anos vou purgar.  
Agora você saberá  
Como foi a minha morte...  
- Por um capricho da sorte,  
Alguém veio me acordar!

## Elucidário

13 de Março - 1830

Antônio Conselheiro - Nasce na Vila do Campo Maior de Quixeramobim, na província do Ceará, Antônio Vicente Mendes Maciel, nome de batismo daquele que mais tarde ficaria célebre como Antônio Conselheiro. Era filho de Maria Joaquina de Jesus e Vicente Mendes Maciel.

31 de agosto - 1834

Morre Maria Joaquina. Antônio e suas duas irmãs, Maria e Francisca, ficam órfãos de mãe e seu pai casa-se 1 ano, 5 meses e 11 dias depois com Francisca Maria da Conceição e tem mais uma filha chamada Rufina. “Antônio teve uma infância sofrida. Marcaram-no os delírios alcoólicos do pai, os maltratos da madrasta, o extermínio de parentes na luta contra os Araújo, além das influências místicas comum ao meio sertanejo”

05 de Abril - 1855

Morre Vicente Maciel, pai de Antônio, que a partir de então, passa a cuidar dos negócios da família, ao mesmo tempo em que promove o casamento das irmãs. Francisca Maciel, madrasta de Antônio, morre em Quixeramobim um ano depois.

07 de Janeiro - 1857

Antônio Maciel casa-se em Quixeramobim com Brasilina Laurentina de Lima.

28 de Junho - 1876

Antônio Conselheiro é preso em Itapicuru (BA), pelo delegado de polícia de Itapicuru, Francisco Pereira Assunção.

16 de Fevereiro - 1882

O Arcebispo de Salvador (BA), D. Luís José envia aos vigários de todo o Estado da Bahia, uma circular proibindo as pregações de Antônio Conselheiro em suas paróquias.

26 de Maio - 1893

Ocorre em Masseté (BA) o primeiro confronto armado entre o governo e os conselheiristas. A força militar, composta de 30 soldados e 1 tenente, foi enviada de Salvador (BA), após Antônio Conselheiro liderar um movimento que destruiu na praça pública de Natuba (atual Nova Soure - BA), os editais republicanos de cobrança de impostos, atitude que provocou a ira das autoridades locais.

13 de Junho - 1893

No coração da Bahia, no meio da caatinga, existia um velho e decadente povoado à beira do Rio Vaza-Barris rodeado de imponentes morros denominados Cambaio, Caipã, Canabrava, Cocorobó, Poço de Cima, Sauti e Angico. É este o lugar escolhido por Antônio Conselheiro para construir sua última morada. O nome do lugar era Canudos, devido a uma planta chamada Canudos-de-Pito.

“Canudos era um lugar onde todos trabalhavam e rezavam. A morada que procuravam os descontentes, pobres, desamparados e inseguros. Eram eles liderados por um homem de espírito prático, capaz, disciplinado e corajoso que possuía 12 homens de confiança conhecidos como “Os Doze Apóstolos”. Aquele local se tornava no meio do sertão miserável uma área de paz. Paz essa que os poderosos não admitiriam, por perderem força de trabalho, por perderem fiéis e por perderem contribuintes. Seriam feitos quatro ataques a Canudos, sendo que os três primeiros seriam vencidos pelos canudenses, mas no 4º, não foi possível resistir, tamanha era a força das tropas que reuniam soldados de 17 estados, imenso arsenal bélico e envolvia até a marinha. No dia 22 de setembro de 1897 Antônio Conselheiro veio a falecer, as causas de sua morte são desconhecidas. Canudos não duraria muito, cairia no dia 5 de outubro, com sua população massacrada, degolada e bombardeada”.

Quarto Sonho

Castro Alves e a cura da  
tuberculose

Quinta-Feira

Quarto Céu

“Para chorar as dores pequenas  
Deus criou a afeição e para chorar  
a humanidade Deus criou a poesia.”

Castro Alves

76 *Carlos Araujo*

## 75

Não dominamos os sonhos  
É tudo acontece assim:  
Tem sonho bom e ruim,  
É magia ou pesadelo.  
Parece fio de novelo  
Que nunca chega na ponta.  
Às vezes nos desaponta  
Tem vez que nos enriquece  
Isso nunca se esclarece  
Parece mais “faz de conta.”

## 76

Já disse sobre os meus sonhos  
Que são muitos e frequentes  
Pois estão sempre presentes -  
Sonho de toda maneira.  
Sonhei numa quinta-feira  
Com a figura sem-par  
Que soube representar  
A nossa terra - a Bahia.  
Esse mestre da poesia  
Lá no Céu fui encontrar!

## 77

Antonio de Castro Alves  
Foi o ás do Romantismo  
E recebeu, de batismo,  
O nome de Condoreiro.  
Compôs “Navio Negreiro”  
E mostrou não ter rival,  
Na poesia social  
Ao tratar da escravidão.  
Em qualquer situação  
Foi um vate genial.

## 78

-“Branco cisne, que vogavas  
Das harmonias no mar,  
Pomba errante de outros climas,  
Vieste aos cerros pousar.  
Inda bem. Sob os palmares  
Na voz do condor, dos mares,  
Das serranias, dos céus...  
Sente o homem - que é poeta  
Sente o vate - que é profeta  
Sente o profeta - que é Deus.”

## 79

-“Há alguma coisa de grande  
Deste mundo na amplidão,  
Como que a face do Eterno  
Palpita na criação...  
E o homem que olha o deserto,  
Diz consigo: Deus’stá perto  
Que a grandeza é o Criador.  
É, sob as paternas vistas,  
Larga rédeas às conquistas  
Pede as asas ao condor.”

## 80

Nasceu em quarenta e sete  
Do século dezenove  
De família muito nobre  
O grande vate baiano.  
Ele era interiorano  
Da Vila de Curralinho.  
Quando ainda bem novinho  
Seu pai, que era doutor,  
Mudou-se pra Salvador,  
Pro ambiente marinho.



## 81

A intenção de seu pai  
Era mesmo encaminhar,  
O filho, para estudar  
Na capital, Salvador.  
Para tornar-se um doutor,  
Pro Recife foi mandado  
Mas voltou sem ter formado  
Na Escola de Direito  
Pois sentiu um amor no peito  
Que o deixou perturbado.

## 82

Muito cedo, em Pernambuco  
Começou na poesia  
E o verso que já fazia  
Não era por brincadeira.  
Pois carregava a bandeira  
Da futura Abolição.  
Fazia propagação  
Da causa Republicana  
E já amava uma dama  
Do nosso "País Irmão."

## 83

A atriz Eugênia Câmara  
Inspirou o trovador.  
Escreveu “Noite de Amor”  
E “A Canção do Africano”.  
Já parecia um decano  
Na arte de versejar.  
Teve asas pra voar  
No ofício da poesia  
Da liberdade queria  
Desta bandeira hastear.

## 84

No ano sessenta e oito  
De passagem pelo Rio  
Recebeu muito elogio  
E também aclamação.  
Mereceu consagração  
De Machado e de Alencar.  
Nesse ano ia morar  
Lá na Terra da Garroa  
Para não ficar à-toa  
E conseguir se formar.

## 85

Ao se mudar pra São Paulo  
Não ficou ali à toa,  
Na “cidade da garoa”  
Voltou logo a estudar.  
Conseguiu matricular  
Na Escola de Direito  
E tinha contato estreito  
Com sua dama garbosa.  
Estudou com Rui Barbosa  
A quem devotou respeito.

## 86

Na cidade de São Paulo  
Começou sua desgraça  
Parecendo uma trapaça  
Dessas cartas do destino.  
Aquele quase menino  
Perdeu carinho da amada  
Se debandou pra caçada,  
Na serra e até no sopé.  
Levou um tiro no pé -  
Uma bala atravessada!

## 87

A partir desse momento  
A desgraça se instalou.  
A ferida não curou  
E veio a amputação.  
O pé desse cidadão  
Que orgulhou o Brasil  
Teve o seu destino vil,  
E pra tudo complicar,  
Depois do pé emputar  
A “peste”, então, contraiu.

## 88

Esse Bacilo de Koch  
Foi agente causador  
Da desgraça desse autor  
De romântica poesia.  
Ele voltou pra Bahia  
Com a fé de se curar,  
Procurou o seu lugar  
A conselho de doutor.  
Porém, em São Salvador  
Veio a se desencarnar.

## 89

Nesse dia seis de julho  
Do ano setenta e um  
Não houve cantar algum,  
Silenciou a Bahia.  
Perdia a nossa poesia  
Sua maior expressão.  
E seu espírito, então,  
Subiu para o Quarto Céu  
E sem fazer escarcéu  
Procurou sua ascensão.

## 90

Voltemos para o meu sonho  
O sonho de quinta-feira  
Que me levou, de primeira,  
Pro centro do Quarto Céu.  
Eu não estava de réu  
Na dita reunião  
Eu via a deliberação  
Lá do Comitê Celeste:  
Era o caso dessa “peste”  
De grande destruição.

## 91

- Quero indagar deste Céu  
Por que eu na flor da idade  
Tive a infelicidade  
De seduzir tanto mal?  
Isso pra mim foi fatal:  
Levei um tiro no pé,  
Perdi o amor da mulher  
E pra completar a dose  
Contraí tuberculose.  
Tive um castigo de fé?

## 92

- Foi um poeta brilhante  
De futuro promissor  
Mas a ciência falhou  
Na cura dessa doença.  
Tinha que marcar presença  
E descobrir logo a cura  
E não ficar à procura  
Duma “remediação”.  
Sua reencarnação  
Vai ser vate à sua altura.

## 93

- Essa tal tuberculose  
Tá matando muita gente  
Não escapa um só vivente -  
Tá mesmo ceifando a esmo.  
Ela não quer saber mesmo  
Se é velho ou se é moço  
E só deixa pele e osso  
Na carcaça do cristão.  
E nessa situação  
Só faz causar alvoroço.

## 94

Nosso vate da Bahia  
Foi encaminhado então  
Para lugar de oração  
Pelo Comitê Celeste.  
- Saibas tu que aqui vieste  
Para a última morada,  
Isso tem hora marcada,  
Como Deus determinou.  
Pra chegar ao Criador,  
Eis tua porta de entrada.

## 95

- Este é o Quarto Céu  
Onde estamos bendizendo.  
O teu caminho é descendo  
Para os atrasos da Terra.  
Tua alma não se encerra,  
Terá mesmo que voltar  
A alma vai encarnar  
Em quem fará poesia.  
Isso não é heresia  
Há um ciclo a completar.

## 96

- Se eu vou reencarnar  
Preciso de explicação  
Para saber de antemão,  
E como acontecerá.  
- Você logo saberá,  
Em seguida lhe direi...  
- Nessa hora eu acordei...  
E assim, por conseguinte,  
Talvez no sonho seguinte,  
Uma explicação terei.



88 *Carlos Araujo*

## Elucidário

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu na fazenda Cabaceiras, antiga freguesia de Muritiba, perto da vila de Curralinho, hoje cidade de Castro Alves, no Estado da Bahia, em 14 de março de 1847, e morreu na cidade de Salvador, no dia 6 de julho de 1871. Foi o mais brilhante dos poetas românticos brasileiros. Chamado cantor dos escravos pelos seus poemas de combate à escravidão negra no Brasil. Viveu os primeiros anos da juventude no interior. Era filho do médico Antônio José Alves, mais tarde professor na Faculdade de Medicina de Salvador, e de Clélia Brasília da Silva Castro, falecida quando o poeta tinha 12 anos. Por volta de 1853, ao mudar-se com a família para a capital, estudou no colégio de Abílio César Borges, futuro Barão de Macaúbas, onde foi colega de Rui Barbosa, demonstrando vocação apaixonada e precoce para poesia. Aos dezesseis anos foi para o Recife, estudar Direito. Começou desde logo a patentear uma notável vocação poética e a demonstrar dotes oratórios pouco comuns, que mais tarde fizeram dele um dos arautos do movimento abolicionista e da causa republicana. Escreveu poesia lírica, e também poesia de caráter social, em favor da abolição da escravatura. Participou ativamente da vida estudantil e literária. Tendo grande animação pelo teatro, em 1867, conheceu a atriz portuguesa Eugênia Câmara, dez anos mais velha do que ele, por quem se apaixonou, com ela seguindo para Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, e em sua homenagem escreveu o drama em prosa Gonzaga ou A Revolução de Minas, que ela representou. De passagem pelo Rio de Janeiro, conheceu Machado de Assis, que o introduziu nos meios literários. Em São Paulo cursa o 3º ano da Faculdade de Direito. Comçam então os primeiros desentendimentos amorosos do casal. Os amores pela atriz continuaram, mas não foram por ela correspondidos. Abraçando a caça nos bosques da Lapa, o poeta procurava esquecer os aborrecimentos, que lhe adivinham das desavenças com atriz. Em 1868, numa dessas caças feriu-se com um tiro de espingarda

90 *Carlos Araújo*

no pé direito. Foi conduzido para o Rio de Janeiro, teve o pé amputado. Daí passou a caminhar apoiado numa bengala, utilizando um pé de borracha. Como já a tuberculose o afligia, teve seus males agravados pelo acidente. Em 1870 dirigiu-se para a Bahia, onde publica *Espumas Flutuantes*. Falece em Salvador. Predominante poeta romântico, foi influenciado por Byron e Vitor Hugo. Pertenceu à Escola Condoreira. O inolvidável poeta, que foi um dos mais acerbos defensores da emancipação da escravatura no Brasil, é o patrono da cadeira nº 7 da Academia Brasileira de Letras. Obras de Antônio Castro Alves (1847 - 1871): *Espumas Flutuantes*, *Os Escravos*, *A Cachoeira de Paulo Afonso*, *Vozes da África* e *Navio Negreiro* são a sua expressão máxima.

Quinto Sonho  
Augusto dos Anjos e a  
reencarnação

Sexta-Feira

Quinto Céu

“A vida vem do éter que se condensa  
Mas o que mais no Cosmos me entusiasma  
É a esfera microscópica do plasma  
Fazer a luz do cérebro que pensa... “ \*

\* Os Doentes - Augusto dos Anjos

92 *Carlos Araujo*

## 97

À luz do espiritismo  
Espírito desencarnado  
Não aceita de bom grado  
Nova reencarnação.  
Só aceita essa missão  
Por ser um ciclo fecundo.  
Mas no momento profundo  
Quando nosso corpo dorme  
A alma busca outro norte  
Nas relações com seu mundo.

## 98

Esse mundo dos espíritos  
Kardec codificou  
E a doutrina espalhou  
Por todos os cantos da Terra.  
Ela diz que o sono encerra  
Desligamento mundando,  
Quando a alma nesse plano,  
Ganha emancipação.  
Essa fugaz incursão  
É sonho pro ser humano

## 99

Eu estava no meu quarto  
Em noite de sexta-feira  
Dormindo de tal maneira  
Que a minha alma partiu.  
E pra seu mundo seguiu  
Ficando em pleno labor.  
O sono propiciou  
Participar de mil atos,  
Presenciar certos fatos  
Que o sonho me revelou!

## 100

O assunto dessa vez  
Que chamou mais atenção  
Foi a reencarnação  
Que não se concretizou.  
O Quinto Céu ordenou  
Que toda alma envolvida,  
Mesmo que já noutra vida  
Visse a deliberação  
Pra que essa confusão  
Fosse, enfim, esclarecida.

## 101

Ele já tinha problema  
Antes da concepção,  
Quando ainda um embrião  
Houve um drama em sua vida.  
Foi a comoção sofrida  
Pela mãe, dentro do lar.  
Ela viu morte ceifar  
O seu irmão, estudante,  
Quase médico praticante  
Próximo de se formar.

## 102

O drama familiar  
Originou muito mal  
E o traumatismo moral  
Abalou a gestação.  
A mãe em perturbação  
Enquanto o filho nascia.  
Essa criança herdaria  
O nome do tio morto  
Mas teria o desconforto  
Duma vida doentia.



## 103

Em Cruz do Espírito Santo,  
Estado da Paraíba  
A família reunida  
No dia vinte de abril.  
Ansiedade febril  
Em todo Engenho Pau D'arco  
Sinhá Mocinha no parto  
Do terceiro filho seu,  
Quando alguém gritou - nasceu!  
Ouviu-se o choro quarto!

## 104

Nasceu Augusto dos Anjos  
Nesse referido parto  
No ano oitenta e quatro  
Do século dezenove.  
Demonstrou antes dos nove  
Que nasceu pra poesia  
Pois poemas já fazia  
Naquela tenríssima idade.  
Mostrou genialidade  
Nos poemas que escrevia:

Quando nasci, num mês de tantas flores,  
Todas murcharam, tristes, langorosas,  
Tristes fanaram redolentes rosas,  
Morreram todas, todas sem olores.

Mais tarde da existência nos verdores  
Da infância nunca tive as venturosas  
Alegrias que passam bonançosas,  
Oh! Minha infância nunca teve flores!

Volvendo à quadra azul da mocidade,  
Minh'alma levo aflita à Eternidade,  
Quando a morte matar meus dissabores.

Cansado de chorar pelas estradas,  
Exausto de pisar mágoas pisadas,  
Hoje eu carrego a cruz das minhas dores!\*

\*Mágoas - Augusto dos Anjos

## 105

Em casa, com o seu pai,  
Teve a primeira instrução  
E toda preparação  
Pra ingressar no Liceu.  
E mais tarde se inscreveu  
Em Escola de Direiro.  
Um seu amigo do peito  
Daquela fase escolar,  
Em bate papo de bar  
O descreveu deste jeito:

## 106

- O meu bom amigo Augusto,  
O magro desventurado,  
Tinha andar nada aprumado  
De esquelética magreza.  
Causava muita estranheza  
Suas faces reentrantes  
Olhos fundos, cavernantes  
Sob a testa descalvada.  
A clavícula era arqueada  
E tinha os lábios crispantes.

## 107

O nosso poeta Augusto  
Era mesmo introvertido,  
No amor tinha sofrido  
Enorme desilusão.  
Foi a partir de então  
Que em toda sua arte  
Gritou dor por toda parte,  
E não há quem sofreu mais.  
A desilusão jamais  
O abandonou, destarte.

## 108

Seu estilo original  
-Científico filosófico -  
Teria sido um neurótico,  
Um sorumbático e atéu.  
Ninguém o compreendeu  
Na sua arte sem par.  
Esse vate singular  
Foi um jovem esquisitão  
E apresentou-se à Nação  
Com soneto lapidar:

Eu, filho do carbono e do amoníaco,  
Monstro de escuridão e rutilância,  
Sofro, desde a epigênese da infância,  
A influência má dos signos do zodíaco.

Profundissimamente hipocondríaco,  
Este ambiente me causa repugnância...  
Sobe-me à boca uma ânsia análoga à ânsia  
Que se escapa da boca de um cardíaco.

Já o verme - este operário das ruínas -  
Que o sangue podre das carnificinas  
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,  
E há de deixar-me apenas os cabelos,  
Na frialdade inorgânica da terra!\*

\*Psicologia de um vencido  
Augusto dos Anjos

## 109

Mil novecentos e sete  
Foi ano de formatura,  
Concluiu naquela altura  
O seu Curso de Direito.  
Ele não tirou proveito  
Dessa nova profissão,  
Pois foi a partir de então  
Que lecionou português.  
Nesse período ele fez  
Sonetos em profusão.

## 110

Decidiu no ano dez  
Procurar outro mister  
E viajou com Ester,  
Com quem havia casado.  
Sonhava o Rio adequado  
Para a sua projeção.  
Porém, essa decisão  
Lá não lhe trouxe bons ares.  
Deu aulas particulares  
Morando sempre em pensão.

## 111

Na Capital Federal  
Augusto, em vão, procurou  
Mas ninguém o ajudou  
Nem os da Terra Natal.  
E nesse tempo, o casal,  
Ficava a peregrinar  
Tendo pensão como lar:  
Só vendo os filhos nascerem  
E dessa forma crescerem  
A mudar, mudar, mudar.

## 112

No correr do ano doze  
Odilon, o seu irmão,  
Custeou uma impressão  
De seu único livro - "Eu".  
Consta que o vate escreveu  
Com o sangue que tirou,  
Do seu dedo indicador  
O Título, lá no lugar,  
Pois não podia comprar  
Tinta pra capa compor:

Tome, Dr., esta tesoura, e... corte  
Minha singularíssima pessoa.  
Que importa a mim que a bicharia roa  
Todo o meu coração, depois da morte?!

Ah! Um urubu pousou na minha sorte!  
Também, das diatomáceas da lagoa  
A criptógama cápsula se esbroa  
Ao contato de bronca destra forte!

Dissolva-se, portanto, minha vida  
Igualmente a uma célula caída  
Na aberração de um óvulo infecundo;

Mas o agregado abstrato das saudades  
Fique batendo nas perpétuas grades  
Do último verso que eu fizer no mundo!\*

\*Budismo Moderno - Augusto dos Anjos



## 113

E quando Augusto dos Anjos  
Teve o seu livro lançado  
Ficou decepcionado  
Por não ter repercussão.  
Poucos lhe deram atenção,  
Não teve espaço em jornais,  
E nos intelectuais,  
O “Eu” causou estranheza.  
Versos do “Doutor Tristeza”  
Não se lia em recitais”!

## 114

Cansado do seu fracasso  
Ele mudou de rotina  
E foi pra Leopoldina,  
De Minas interior.  
Nomeado Diretor  
Duma escola do lugar  
E foi se desencarnar  
Em novembro, dia doze,  
Do mesmo ano catorze  
Que tinha ido pra lá:

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável  
Enterro de tua última quimera.  
Somente a Ingratidão - esta pantera -  
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!  
O Homem, que, nesta terra miserável,  
Mora, entre feras, sente inevitável  
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!  
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,  
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,  
Apedreja essa mão vil que te afaga,  
Escarra nessa boca que te beija!\*

\*Versos Índimos - Augusto dos Anjos

## 115

Nessa cidade mineira  
Quando a paz apareceu  
Não aguentou e morreu  
Aos trinta anos de idade.  
Traços de senilidade  
No seu corpo já se via,  
Morreu de pneumonia  
Parecendo mais um tísico  
Pelo padecer do físico  
E da mente que sofria.

## 116

Voltemos pro Quinto Céu  
E pro cerne da questão,  
Essa reencarnação  
Que não se efetivou.  
O sonho me revelou  
Quem eram seus envolvidos  
E que foram reunidos  
Em certa acareação  
Para confirmar ou não  
Se houve mal-entendidos.

## 117

A alma de Castro Alves  
Já tinha sido escalada  
Para ser reencarnada  
No vate Augusto dos Anjos.  
Foi decisão dos Arcanjos  
Do Celeste Comitê.  
Mas houve um certo porquê  
Pois o fato não se deu  
O caso então mereceu  
Rigoroso parecer.

## 118

Todos foram reunidos  
Pra dirimir a questão  
Quando alguém disse: atenção!  
Há espírito demais!  
- O que fazem esses mais,  
Os três que estão sobrando?  
- Eu começo interrogando  
O Castro Alves, que é réu.  
- Em respeito a este Céu,  
Pode ir logo explicando!

## 119

-Tenho aqui bem do meu lado  
Gregório de Matos Guerra  
Que desceu, de novo, à Terra  
Para se reencarnar.  
Foi ficar no meu lugar  
Porque fui escorraçado  
Por um tio desencarnado  
Enquanto Augusto nascia.  
Ele, de fato, queria  
Ser nele reencarnado!

## 120

-Também nós temos aqui  
A alma do tio “amado”  
Mais o meu ser encarnado,  
Que convive lá na Terra.  
É a vida “dele” encerra  
A minha nova missão.  
Nela obtive o perdão  
Dos membros do Quarto Céu  
E recebi, de troféu,  
Essa reencarnação!

## 121

O espírito de Augusto  
Foi encaminhado então  
Para lugar de oração  
Pelo Comitê Celeste.  
-Saibas tu que aqui vieste  
Para a última morada.  
Isso tem hora marcada  
Como Deus determinou  
Pra chegar ao Criador,  
Eis tua porta de entrada!

## 122

Este é o Quinto Céu  
Onde estamos bendizendo  
É o que estás merecendo  
Pelos teus feitos na Terra.  
A alma aqui não se encerra.  
Haverá tua ascensão  
Através de promoção  
Subindo grau a degrau  
Para eliminar o mal  
Até total purgação!

Meu coração tem catedrais imensas,  
Templos de priscas e longínquas datas,  
Onde um nume de amor, em serenatas,  
Canta a aleluia virginal das crenças.

Na ogiva fúlgida e nas colunatas  
Vertem lustrais irradiações intensas  
Cintilações de lâmpadas suspensas  
E as ametistas e os florões e as pratas.

Como os velhos Templários medievais  
Entrei um dia nessas catedrais  
E nesses templos claros e risonhos ...

E erguendo os gládios e brandindo as hastas,  
No desespero dos iconoclastas  
Quebrei a imagem dos meus próprios sonhos!\*

\*Vandalismo - Augusto dos Anjos.

## Elucidário

Terceiro filho do Dr. Alexandre Rodrigues dos Anjos e de Dona Córdula de Carvalho Rodrigues dos Anjos ( Sinhá Mocinha ) **Augusto** de Carvalho Rodrigues **dos Anjos** nasceu no Engenho “Pau d’Arco”, município de Cruz dos Espíritos Santo - Paraíba, a 20 de abril de 1884, e morreu em Leopoldina (Minas Gerais) a 12 de novembro de 1914.

Recebeu em casa a primeira instrução. Bacharelou-se em Direito, na Faculdade do Recife, no ano de 1907, e, três anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde exerceu durante algum tempo o magistério. Do Rio, transferiu-se para Leopoldina, por ter sido nomeado para o cargo de diretor de um grupo escolar. Morreu nessa cidade, com pouco mais de trinta anos. Apesar da sua juventude, os padecimentos físicos tinham-lhe gravado no semblante profundos traços de senilidade.

Augusto dos Anjos publicou quase toda a sua obra poética no livro *Eu*, que saiu em 1912. O livro foi depois enriquecido com outras poesias esparsas do autor e tem sido publicado em diversas edições, com o título *Eu e Outras Poesias*.

Se bem que nos tivesse deixado apenas êste único trabalho, o poeta merece um lugar na tribuna de honra da poesia brasileira, não só pela profundidade filosófica que transpira dos seus versos, como pela fantasia de suas divagações pelo mundo científico. São versos que transportam a dor humana ao reino dos fenômenos sobrenaturais. O estilo de Augusto dos Anjos é correto e suas composições são testemunhos de uma primorosa originalidade.

Augusto dos Anjos foi eleito o Paraibano do Século XX



112 *Carlos Araujo*

Sexto Sonho  
Noel Rosa e a volta da  
tuberculose

Sábado

Sexto Céu

“Nosso amor que eu não esqueço  
E que teve seu começo  
Numa festa de São João  
Morre hoje sem foguete  
Sem retrato e sem bilhete  
Sem luar, sem violão...”

\* Último Desejo - Noel Rosa

114 *Carlos Araujo*

## 123

O samba é bem brasileiro  
E disso ninguém duvida  
Muitos dizem que a “batida”  
Vem da miscigenação.  
À base de percussão  
Esse ritmo popular  
Conseguiu consolidar,  
De vez, no Rio de Janeiro.  
Foi um canto de terreiro  
Que o “morro” quis adotar.

## 124

Mil novecentos e dez  
Foi ano muito importante  
Marco significante  
Para a canção brasileira.  
O samba desceu ladeira  
Na Capital Federal.  
Compositor magistral  
Nasceu em Vila Isabel.  
Merecedor de laurel  
Como um poeta imortal.

## 125

Rua Teodoro da Silva,  
Dia onze de dezembro,  
Esperava mais um membro  
O Lar da família Rosa.  
Toda Vila em polvorosa!  
A coisa se complicou  
O pai chamou um doutor  
Pra cuidar daquele parto.  
Fizeram plantão no quarto  
Foi até que o sol raiou.

## 126

Foi marcado pelo fórceps  
Noel de Medeiros Rosa  
Intervenção melondrosa  
Marcou o seu nascimento.  
O uso daquele instrumento  
Fraturou seu maxilar  
Chegando assim afundar  
O seu queixo inferior  
E não teve mais doutor  
Que viesse a consertar.

## 127

Esse defeito no rosto,  
O filho de dona Martha,  
Carregou como uma marca  
Ao longo de sua vida.  
Ficou também combalida  
A sua face direira,  
Parecendo coisa-feita  
Na hora que ele nascia.  
Parcial paralisia  
Qua nunca mais foi desfeita.

## 128

Apesar desses problemas,  
O filho do seu Manoel,  
Brincava em Vila Isabel  
Como um menino feliz.  
Traçou uma diretriz  
E foi em frente na vida.  
Já escutava a “batida”  
Do samba em cima do morro.  
Era o grito de socorro  
Pra trazê-lo pra avenida.

## 129

Noel de Medeiros Rosa  
Um raro talento nato  
Que a mãe percebeu, de fato,  
Assim, tintim por tintim.  
Dominava o bandolim  
Aos treze anos de idade  
Que nessa oportunidade  
Lhe deu a progenitora  
E foi a sua instrutora  
No verdor da mocidade

## 130

Em casa, com sua mãe,  
Começou vida escolar,  
Depois foi matricular  
No bom Colégio São Bento.  
Tinha bom temperamento  
Não ligava ao preconceito.  
Apesar do seu defeito,  
Aquele aluno mirim  
Tocando o seu bandolim  
Conseguia impor respeito.

## 131

Aos quinze anos de idade  
Dominava os violões  
Todas primas e bordões,  
Sendo o pai seu instrutor.  
Pra começar a compor  
Adotou seu violão  
E foi a partir de então  
Que com aquele instrumento  
Mostrou todo seu talento  
no “metiê” da canção.

## 132

O nosso grande Noel  
Com tão pouca atividade  
Teva a genialidade  
De produzir lindos sambas.  
Na galeria dos bambas  
Ele mereceu louvou.  
E em seis anos criou  
Mais de duzentas canções  
Tendo como inspirações  
Tudo o que lhe rodeou.



## 133

O “Filósofo do Samba”

Viveu por puro prazer,  
A vida que quis viver,  
Sem querer ser baluarte.  
Todo o seu mundo era a arte,  
Não quis seguir medicina,  
Namorou Ceci e Fina,  
Mas foi casar com Lindaura.  
Sua luminosa aura  
Foi de espécie genuína.

## 134

Nosso poeta da Vila  
Tinha seu corpo franzino  
Era assim desde menino  
Pelo pouco que comeu.  
Amou, fumou e bebeu -  
Toda noite mal dormida-  
Em atitude suicida  
Pra sua pouca saúde.  
Viveu assim amiúde  
Abreviando sua vida.

## 135

Sua vida desregrada  
E mais os seus muitos vícios  
Carream malefícios  
Pra sua frágil saúde,  
Pois vivia em plenitude,  
Na música e no amor.  
Não escutava doutor,  
Por isso, de dose em dose,  
Contraíu tuberculose-  
O grande compositor.

## 136

No dia quatro de maio  
Chemou o seu único irmão,  
Que ficava de plantão  
Naquele quarto de morte.  
E lhe disse pra ser forte,  
Mostrou “Último Desejo”,  
Seu derradeiro lampejo  
De lucidez criadora  
Para a musa “inspiradora”,  
E deu o último bocejo.

## 137

Esse meu sonho de sábado,  
Eu comecei a entender,  
Tinha alguma coisa a ver  
Com o de sexta e o de quinta.  
Uma lembrança sucinta -  
O que, de fato, se deu:  
A alma que recebeu  
Essa missão a cumprir,  
Decidiu não prosseguir,  
Bem na hora, esmoreceu!

## 138

A alma de Castro Alves  
Já tinha sido escalada  
Para ser reencarnada  
No vate Augusto dos Anjos.  
Foi decisão dos Arcanjos  
do Celeste Comitê.  
E já sabia o porquê  
Que o fato não se deu,  
Foi o "Tio" que apareceu  
E fez um tremendo auê.

## 139

O Quarto Céu reuniu  
Para tratar da questão  
E votou resolução  
De mandar alma pra Terra.  
Dessa vez ela não erra  
E reencarna no Rio,  
Encarando o desafio  
Como missão gloriosa  
Pra nascer em Noel Rosa  
E subir degrau tardio.

## 140

Como não soube cumprir  
A missão anterior  
Teve então o dissabor  
De ver tudo repetir.  
Mais uma vida a cumprir,  
Nova reencarnação,  
Para a sua evolução.  
Pois segundo o espiritismo  
Faz parte do mecanismo  
Para obter ascensão.

## 141

Repetiu em outra vida  
Como numa regressão  
Para cumprir a missão  
Fez o que foi acordado.  
O que foi “determinado”  
Foi viver de dose em dose,  
Contrair tuberculose,  
A temida enfermidade  
E morrer na flor da idade,  
Boêmio com bacilose.

## 142

Após grande sofrimento,  
E de desmaio em desmaio,  
No dia quatro de maio,  
Desencarnou Noel Rosa.  
A saúde melindrosa  
Não suportou o seu vício  
Levando-o ao precipício  
Pelo ano trinta e sete.  
Foi estampado em manchete  
O final do seu suplício.

## 143

A alma de Noel Rosa  
Foi encaminhada então  
Para lugar de oração  
Pelo Comitê Celeste.  
Saibas tu que aqui viesta  
Para a última morada.  
Isso tem hora marcada  
Como Deus determinou.  
Pra chegar ao Criador,  
Eis tua porta de entrada!

## 144

Este é o Sexto Céu  
Onde estamos bendizendo  
É o que estás merecendo  
Pelos teus feitos na Terra.  
A alma aqui não se encerra  
Haverá tua ascensão  
Através de promoção  
Subindo grau a degrau  
Para eliminar o mal  
Até total purgação!

## 145

O poeta Noel Rosa  
Conheceu, de fato, a glória,  
Ficou marcado na história  
Da música brasileira.  
Compôs uma obra inteira  
De inegável valor.  
A parceiros se juntou  
Em várias composições,  
Em centenas de canções  
Que o sambista deixou:

## 146

Eu pergunto “Com que Roupa”  
Vai um “Gago Apaixonado”,  
Aquele “Rapaz Folgado”  
“No Baile da Flor de Lis”.  
E n’Uma Jura que fiz”  
“Ao Meu Amigo Edigar”  
“Provei” que “É Bom Parar”,  
“Coração”, “Pra que Mentir”  
“É Preciso Discutir”  
“Mais um Samba Popular”!

## 147

A “Dama do Cabaré”  
Botou a “Fita Amarela”,  
“Cor de Cinza”, aquarela  
No “Feitio de Oração”.  
“Adeus”” Não Tem Tradução”  
“Seu Jacinto”, João Ninguém”  
“Cem Mil Réis” não é vintém  
Paga “E não Brinca não”  
Dentro do “Meu Barracão”  
“A Razão Dar-se a Quem Tem”!

## 148

“Conversa de Botequim”  
É “A Melhor do Planeta”  
“Picilone” e pirueta  
“No Século do Progresso”.  
“Eu Vou Pra Vila”, confesso  
Ver a “Cidade Mulher”  
E “Você Vai se Quiser”.  
“Deixa de Ser Convecida”  
“De Qualquer Maneira”, a ida,  
É “Positivismo” e fé.



## Violões em Funeral

Poema de  
Sebastião Fonseca  
para a missa de sétimo dia  
da morte de Noel Rosa

Vila Isabel veste luto  
Pelas esquinas escuto  
Violões em funeral  
Choram bordões, choram primas,  
Soluçam todas as rimas  
Numa saudade imortal.

Entre as nuvens escondida  
Como de crepe vestida  
A lua fica a chorar  
E o pranto que a lua chora  
Goteja, goteja agora  
Nos oitis do Boulevard.

Adeus cigarra vadia  
Que mesmo em sua agonia  
Cantavas para morrer,  
Tu viverás na saudade  
Daquela grande cidade  
Que te há de esquecer.

Adeus poeta do povo  
Que ressuscita de novo  
Quando da morte descamba  
Senhor da pele mais clara  
Na qual o Sinhô encarnara  
A alma sonora do samba.

Meu violão chora tanto  
Soluços e muito pranto  
Sobre o caixão de Noel  
Estácio, Matriz, Salgueiro,  
Todo o Rio de Janeiro,  
Consola Vila Isabel.

## Elucidário

Noel de Medeiros Rosa nasceu no chalé da rua Teodoro Silva, em Vila Isabel (RJ), no dia 11 de dezembro de 1911 e lá morreu, em 4 de maio de 1937. Filho de Manoel Garcia de Medeiros Rosa, funcionário público, e de Martha de Medeiros Rosa, professora que o iniciou nas primeiras letras na escolinha que mantinha na sua própria casa.

Noel nasceu de um parto extremamente difícil, “arrancado” a fórceps sofreu afundamento e fratura do maxilar o que lhe causou uma paralisia parcial no lado direito do rosto, como consequência carregou o defeito no queixo, o qual acentuava nas suas auto-caricaturas, ao mesmo tempo que manteve-se sempre tímido em público, evitando ser visto comendo. Sob o efeito da bebida e nas rodas de músicas descontraía-se, deixando vir à tona o seu humor inteligente e sarcástico.

Com a mãe aprendeu a tocar bandolim e com o pai violão, pelo qual troca o bandolim, desenvolvendo-se como autodidata. Desde cedo mostrou interessar-se mais pela música do que pelos estudos — realizados a partir do terceiro ano na escola pública “Cesário Motta” e três anos depois no “Colégio São Bento” —, apresentando-se nas festinhas familiares. Com dezesseis anos já havia feito uma composição e tornara-se um bom violonista, freqüentando as reuniões do Bar dos Cem Réis, próximo à sua casa. Torna-se um assíduo participante das serenatas organizadas pelos amigos, ao mesmo tempo que estabelece contato com os sambistas do Estácio de Sá e dos “morros” do Rio de Janeiro, atento à cadência e à forma de compor e cantar destes sambistas.

De 1930 a 1937, Noel Rosa compõe mais de 300 músicas, entre sambas, marchinhas e canções. Durante este período de sete anos, popularizou-se com uma carreira vertiginosa e fertilíssima. Mas o sucesso contrastava com uma existência infeliz e acidentada. Em 1937, a vida desregrada traria por consequência a morte prematura de Noel. A tuberculose encerraria uma vida de apenas 27 anos e uma produção musical que ainda só estava começando a dar os frutos da sua genialidade.

Sétimo Sonho  
Patativa do Assaré e a  
Universidade de Sorbonne

Domingo

Sétimo Céu

“Sem a rima, a poesia  
Perde alguma simpatia  
E uma parte do primor:  
É como o corpo sem alma  
E o coração sem amor”\*

\*Patativa do Assaré

132 *Carlos Araujo*

## 149

Enoque foi, na sequência,  
O sétimo depois de Adão.  
Conseguiu trasladação,  
Vivo, pro Sétimo Céu.  
Para o crente e para o incrêu  
Deixou muito ensinamento.  
Inda existe documento  
De revelação parênese.  
Está no Livro do Gênese,  
Diz o Velho Testamento.\*

## 150

O “homem” andou com Deus  
E não apareceu mais.  
O primeiro que jamais  
Se deparou com a morte.  
Bafejado pela sorte  
E por seu merecimento.  
Espalhou conhecimento  
E gerou Matusalém.  
Sem morrer, foi para o Além,  
Diz o Velho Testamento!\*

\* Gênesis 5:22-24

## 151

Deus, espírito e matéria  
São o princípio de tudo.  
Constituem sobretudo  
A Trindade Universal.  
O mundo material  
Possui a nobre função,  
Através da encarnação,  
De tornar puro o espírito  
E junto com o perispírito  
Alcançar a perfeição!

## 152

Vou contar como encontrei  
Um certo espírito perfeito  
Que mesmo ele sendo o eleito  
Não foi pro Céu como Enoque.  
Na vida teve outro toque:  
Nasceu, viveu e morreu.  
No nosso sertão sofreu  
Pra cumprir uma missão.  
Num domingo de verão,  
No meu sonho isso se deu.

## 153

Ele encarnou no Nordeste  
Deste solo brasileiro  
Viveu quase sem dinheiro  
E teve pouca instrução.  
Com essa limitação  
Foi poeta diferente,  
E um notável expoente  
Da poesia popular.  
E antes de continuar,  
Eu peço que se apresente:

## 154

- "Em mil novecentos e nove  
Foi que eu vim ao mundo.  
Meus pais naquele momento  
Tiveram prazer profundo.  
Foi na Serra de Santana  
Em uma pobre choupana  
Humilde e modesto lar.  
Foi ali que eu nasci,  
A cinco de março vi,  
Os raios da luz solar"



## 155

-“Eu nasci ouvindo o canto  
Das aves da minha serra  
E vendo dela encanto  
Que a mata bonita encerra.  
Foi ali que fui crescendo,  
Fui lendo, fui aprendendo  
No livro da natureza,  
Onde Deus é mais visível  
O coração mais sensível  
E a vida tem mais pureza”.

## 156

-”Eu nasci aqui no mato,  
Vivi sempre a trabalhar.  
Neste meu pobre recato  
Aqui não pude estudar.  
No verdor da minha idade,  
Só tive a felicidade  
De dar um pequeno ensaio  
Em dois livros do escritor,  
O famoso professor,  
Felisberto de Carvalho”.

## 157

-“Sem poder fazer escolha  
De livro artificial,  
Estudei nas lindas folhas  
Do meu livro natural.  
Assim, longe da cidade  
Lendo nesta faculdade  
Que tem todos os sinais,  
Com estes estudos meus  
Aprendi a amar a Deus  
Na vida dos animais”.

## 158

-”Quando canta o sabiá,  
Sem nunca ter tido estudo,  
Eu vejo que Deus está  
Por dentro daquilo tudo.  
Aquele pássaro amado  
Com seu gorjeio sagrado  
Nunca uma nota falhou.  
Na sua canção amena  
Só diz o que Deus ordena,  
Só canta o que Deus mandou”.

## 159

-“Se um doutor me perguntar  
Se o verso sem rima presta  
Calado eu não vou ficar,  
A minha resposta é esta:  
-Sem a rima, a poesia  
Perde alguma simpatia  
E uma parte do primor;  
Não merece muita palma,  
É como o corpo sem alma  
E o coração sem amor”. \*

## 160

O dia é cinco de março,  
No interior do Nordeste,  
Nessa região agreste  
Onde muito pouco chove,  
Mil novecentos e nove,  
Sem foguete ou busca-pé,  
Em casa feita em sapé,  
Nascu um brasileirinho,  
Chamado de “Sinhozinho” -  
Patativa do Assaré!

\*Patativa do Assaré - Improvisações e Aos Poetas Clássicos

## 161

Nasceu - Antonio Gonçalves-  
Nessas terras de Assaré  
Um município que é  
Estado do Ceará.  
Segundo filho a chegar  
Do casal Pedro e Maria.  
Pelo seu nome de pia,  
Por ninguém foi conhecido,  
Patativa é apelido  
Que ganhou na cantoria!

## 162

Um mal lhe cegou um olho  
Aos quatro anos de idade,  
Certa doença que invade  
O interior nordestino.  
A vida desse menino,  
Um duro golpe sofreu.  
Foi quando seu pai morreu,  
Em março de dezessete.  
Ainda era um moleque  
Quando esse fato ocorreu.

## 163

Com doze anos de idade  
Trabalhou na agricultura.  
Conhece outra cultura  
E foi alfabetizado.  
O curso foi frequentado  
Por quatro meses somente.  
Só leu superficialmente  
“Falisberto de Carvalho”  
Em seu correto trabalho  
De professor eminente.

## 164

No ano de vinte e dois  
comerçou a versejar.  
Era, assim, o despertar  
Do seu enorme talento.  
E usou como argumento  
O folclore do sertão,  
Como festas de São João  
E a queimada de Judas.  
Também com coisas miúdas  
Fez sua improvisação.

## 165

O cenário pessoal  
Era propício ao menino  
Repetir mesmo destino  
Do sertanejo esquecido.  
Porém, um fato ocorrido  
Mudou, de vez, sua vida:  
A viola oferecida  
Em troca de seu bezerro.  
Como negócio era um erro,  
Mas aceitou tal pedida.

## 166

Esse “rolo” aconteceu  
No ano de vinte e cinco.  
Ele treinou com afinco,  
Logo aprendeu a tocar.  
Passou a se apresentar  
Nas festas da região.  
E na improvisação  
Começou desafiar.  
Foi pra Belém do Pará  
Mostrar sua vocação!

## 167

Improvizou no Pará  
Com aplauso merecido  
E ganhou seu apelido -  
Patativa do Assaré!  
Só permaneceu até  
O quinto mês no lugar  
E voltou pro Ceará,  
Pois era a sua intenção,  
Com Belarmina Cidrão,  
Em trinta e seis se casar!

## 168

No ano cinquenta e cinco  
José Arraes de Alencar  
Ajudou a publicar  
Um livro com seus poemas.  
Arraes enfrentou problemas,  
Mas fez toda transcrição  
Da obra de inspiração,  
“Inspiração Nordestina”.  
Esse fato foi a sina  
Da sua consagração!

## 169

Foi “estudado” em Sorbonne,  
Famosa universidade,  
Pela grande qualidade  
De seus versos de cordel.  
Foi o professor Cantel  
Quem bolou a estrutura,  
No tema Literatura  
Universal Popular.  
Do sertão do Ceará  
Pra refinada cultura!

## 170

O vate do Ceará  
Muita poesia deixou.  
Lançou “Ispinho e fulô”,  
“Cante Lá Que Eu Canto Cá”.  
“Vaca Estrela e Boi Fubá”  
Com Fagner virou canção.  
É nosso Rei do Baião  
Gravou “A Triste Partida”  
Canção que é conhecida  
De norte a sul da Nação.



## 171

Foi Doutor Honoris Causa,  
Muitos títulos recebeu.  
Também teve seu Museu  
Em sua terra natal.  
Findou a fase carnal  
Buscando o Céu, com orgulho,  
No dia oito de julho  
do ano dois mil e dois.  
Sua subida, depois,  
Foi saudada com arrulho!

## 172

- "Nossa maior referência  
Da cultura nordestina  
Partiu pro andar de cima  
Deixando saudade imensa.  
No Céu, a sua presença  
Já é mais que garantida,  
Por ser exemplo de vida,  
De paz, amor e alegria.  
Os amantes da poesia  
Tão chorando sua ida". \*

\*Léo Medeiros- A chegada de Patativa no Céu.

## 173

A revelação maior  
Que este sonho me fez,  
Eu vou dizer de uma vez,  
Foi algo surpreendente!  
Estava na minha frente  
Aquele espírito perfeito!  
Era o candidato eleito  
Para entrar no Sétimo Céu!  
Patativa, o tabaréu,  
Falando um francês perfeito!

## 174

Patativa do Assaré  
Me fez a revelação,  
Que foi reencarnação  
De insigne professor!  
Respeitado educador  
Da Escola de Sorbonne.  
Educador de renome  
Daquela Universidade.  
Um mestre de qualidade,  
Só não me disse seu nome!

## 175

A Alma de Patativa  
Foi encaminhada então  
Para lugar de oração  
Pelo Comitê Celeste.  
-Saibas tu que aqui vieste  
Para a última morada.  
Isso tem hora marcada  
Como Deus determinou.  
Pra chegar ao Criador,  
Esta Porta é tua entrada!

## 176

-Este é o Sétimo Céu  
Onde estamos bendizendo.  
É o que estás merecendo  
Pelos teus feitos na Terra!  
Tua alma aqui se encerra,  
Terminou tua ascensão.  
Através de promoção  
Subiu de grau a degrau.  
Eliminou todo mal  
Até total purgação!

## Elucidário

Antônio Gonçalves da Silva (Patativa do Assaré) foi poeta popular e cantador repentista de viola nordestina, nascido em 9 de março de 1909, em Serra de Santana, pequena propriedade rural, no município de Assaré, no Sul do Ceará. Um dos maiores poetas populares do Brasil, retratista do árido universo da caatinga nordestina cuja obra foi registrada em folhetos de cordel, discos e livros. Foi o segundo filho do modesto casal de agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva. Perdeu a vista direita, no período da dentição (1913), em consequência de uma moléstia vulgarmente conhecida por Dor-d'olhos. Aos oito anos, ficou órfão de pai e teve que trabalhar ao lado de seu irmão mais velho, para sustentar os mais novos. Aos doze anos, frequentou durante quatro meses sua primeira e única escola, onde, sem interromper o trabalho de agricultor e quase como um autodidata, aprendeu a ler e escrever e se tornou apaixonado pela poesia. De treze para quatorze anos começou a fazer seus primeiros versinhos que serviam de graça para os vizinhos e conhecidos, pois o sentido de tais versos eram brincadeiras de noite de São João, testamentos do Judas, gozação aos preguiçosos etc. Com 16 anos de idade, comprou uma viola e começou a cantar de improviso. Aos 20 anos de idade viajou para o Pará em companhia de um parente José Alexandre Montoril, que lá morava, onde passou cinco meses fazendo grande sucesso como cantador. De volta ao Ceará, regressou à Serra de Santana, onde continuou na mesma vida de pobre agricultor e cantador. Casou-se com uma parenta, D. Belinha, com quem se tornou pai de nove filhos. Sua projeção em todo o Brasil se iniciou a partir da gravação de *Triste Partida* (1964), toada de retirante de sua autoria gravada por Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. Teve inúmeros folhetos de cordel e poemas publicados em revistas e jornais e publicou *Inspiração Nordestina* (1956), *Cantos de Patativa* (1966). Figueiredo Filho publicou seus poemas comentados em *Patativa do Assaré* (1970). Gravou seu primeiro LP

Poemas e Canções (1979) uma produção do cantor e compositor cearense Fagner. Apresentou-se com o cantor Fagner no Festival de Verão do Guarujá (1981), período em que gravou seu segundo LP *A Terra é Naturá*, lançado também pela CBS. A política também foi tema da obra e de sua vida. Durante o regime militar, ele condenava os militares e chegou a ser perseguido. Participou da campanha das Diretas-Já (1984) e publicou o poema *Inleição Direta 84*. No Ceará, sempre apoiou o governo de Tasso Jereissati (PSDB), a quem chamava de amigo. Ao completar 85 anos foi homenageado com o LP *Patativa do Assaré - 85 Anos de Poesia* (1994), com participação das duplas de repentistas Ivanildo Vila Nova e Geraldo Amâncio e Otacílio Batista e Oliveira de Pannels. Tido como fenômeno da poesia popular nordestina, com sua versificação límpida sobre temas como o homem sertanejo e a luta pela vida, seus livros foram traduzidos em diversos idiomas e tornaram-se temas de estudo na Sorbonne, na cadeira da Literatura Popular Universal, sob a regência do Professor Raymond Cantel. Contava com orgulho que desde que começou a trabalhar na agricultura, nunca passou um ano sem botar a sua roçazinha, a não ser no ano em que foi ao Pará. Quase sem audição e cego desde o final dos anos 90, o grande e modesto poeta brasileiro, com apenas um metro e meio de altura, morreu em sua casa, em Assaré, interior do Ceará, a 623 quilômetros da capital estadual Fortaleza, aos 93 anos, após falência múltipla dos órgãos em consequência de uma pneumonia dupla, além de uma infecção na vesícula e de problemas renais, e foi enterrado no cemitério São João Batista, na sua cidade natal. Outros livros importantes de sua autoria foram *Inspiração nordestina*, Cantos de Patativa, Rio de Janeiro (1967), *Cante lá que eu canto cá*, Filosofia de um trovador nordestino, Editora Vozes, Petrópolis (1978), *Ispinho e Fulô*, SCD, Fortaleza (1988) e *Balceiro*, SCD, Fortaleza (1991), *Aqui tem coisa*, Multigraf/ Editora, Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, Fortaleza (1994) e *Cordéis*, URCA, Universidade Regional do Cariri, Juazeiro do Norte. Sobre ele foram produzidos os filmes *Patativa de Assaré*, *Um poeta camponês*,

curta-metragem documentário, Fortaleza, Brasil (1979) e Patativa do Assaré, Um poeta do povo, curta-metragem documentário, Fortaleza, Brasil (1984). Faleceu em 8 de julho de 2002.

150 *Carlos Araujo*

## Bibliografia

### Fontes Primárias

#### (a) (Sonhos) - (Histórias de minha avó)

ARAUJO, Carlos. Conteúdo de sete sonhos que tive. Cada um em uma noite diferente da semana.

ARAUJO, Alexandrina Pereira de. Histórias contadas por minha avó “Mãe Nina” sobre a Vila de Fundão, que passou a se chamar Jordão e depois Ipujiara. Também sobre as contendas entre Militão Rodrigues Coelho e Horácio de Matos, no início do século XX, naquela região.

#### (b) Livros

QUEIROZ, Claudionor de Oliveira. O Sertão que eu Conheci - Salvador. Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1985. 111 p.

MORAES, Walfrido. Jagunços e Heróis - Rio de Janeiro. Paper Back, Illustrated. 1963. 212 p.

BANDEIRA, Renato Luis. Chapada Diamantina-História, Riquezas e Encantos - Salvador-Ba. SCT/EGBA. 1995. 241 p.

CHAGAS, Américo. O Chefe Horácio de Matos. Salvador-Ba. SCT/EGBA. 1996. 254 p.

ALVES, Lizir Arcanjo. Humor na Guerra de Canudos. Salvador-Ba. SCT/EGBA. 1997. 213 p.

KARDEC, Allan. O livro dos Espíritos - Princípios da Doutrina Espírita-conteúdo na Internet.



O Livro de Henoch e Outros Apócrifos. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Minerva. ADFA. 1976.

KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo. Conteúdo na internet.

MÁXIMO, João e DIDIER, Carlos. Noel Rosa-Uma Biografia. Brasília:UnB/Linha Gráfica Editora. 1990.

TORRANO, Jaa. Teogonia, A Origem dos Deuses. São Paulo-SP. Iluminuras.

ANJOS, Augusto dos. Eu e Outros Poemas. Rio de Janeiro.

TEJO, Orlando. Zé Limeira, O Poeta dos Absurdo. Brasília-DF. Gráfica do Senado.

CALAZANS, José. Antonio Conselheiro e a Escravidão. Salvador-Ba S.N. S.D.

(c) Artigos e Teses

DIAS, Maurício. Patativa do Assaré - O Quixote Caboclo. Conteúdo na internet.

FILHO, Américo Pellegrini. Literatura de Cordel Continua Viva no Brasil. Conteúdo na internet.

Poesia Popular - Literatura de Cordel - Visão Histórica e Aspectos Principais. Conteúdo na internet.

CARVALHO, Eleuda. Seu Mané de Bocage, Seu Luiz de Camonge. Conteúdo na internet.

ARRUDA, Inácio. Ao Trovador Maior. Discurso Na Câmara dos Deputados sobre Patativa do Assaré. Conteúdo na internet.

BEZERRA, Josias da Silva. Bateu Asas e Voou. Patativa do Assaré. Conteúdo na internet.

Biografia de Patativa do Assaré - 1909 - 2002 - Conteúdo na internet.

SILVA, Dra. Andréia Cristina Lopes Frazão da. Os Apócrifos do Antigo Testamento. Conteúdo na internet.

BALDI, Pietro Maria. A Teoria da Reencarnação. Conteúdo na internet.

LUCAS, José. O Mundo dos Espíritos. Reencarnação: As Evidências Sucedem-se - Conteúdo na internet. [www.grandereportagem.com](http://www.grandereportagem.com).

FINI, Carlos. Divina Comédia - Dante Alighieri. Conteúdo na internet.

AZEVEDO, Marco Antonio de. Noel Rosa-Um Paradigma na Moderna MPB. Conteúdo na internet.

CARPEAUX, Otto Maria. Augusto dos Anjos - Conteúdo na internet.

SILVA, Luciana Henrique da. Augusto dos Anjos, O Paraibano do Século. Conteúdo na internet. Site da Funesc.

FERNANDES, Flávio Sátiro. Augusto dos Anjos e a Escola de Recife. Conteúdo na internet.

PERES, Fernando da Rocha. Gregório de Matos Guerra - Notação Biográfica. Conteúdo na internet.

MACEDO, Mônica. Pré-História do Sonho. Conteúdo na internet.

GREGÓRIO, Sérgio Biagi. O Sono e o Sonho. Conteúdo na internet. [www.ufba.br](http://www.ufba.br).

CARDOSO, Silvia Helena. Entendendo os Sonhos. Conteúdo na internet.

PEIXOTO, Afrânio. Castro Alves. Conteúdo na internet.

MOURA, Clóvis. Antonio Conselheiro: Um Abolicionista da Plebe. Conteúdo na internet.

MAESTRI, Mário. Elogio à Dominação: Robert M. Levine e a República Sertaneja de Belo Monte. Conteúdo na internet.

Jornal da Poesia. Patativa do Assaré. Conteúdo na internet. [www.jornaldapoesia.jor.br](http://www.jornaldapoesia.jor.br).

Textos Escolhidos - Castro Alves. Conteúdo na internet. [www.academia.org.br](http://www.academia.org.br).

BANDEIRA, Manoel. Castro Alves. Conteúdo na internet. [www.culturabrasil.pro.br](http://www.culturabrasil.pro.br).

FREITAS, João de. A Reencarnação. Conteúdo na internet. [www.joãodefretas.hpg.ig.com.br](http://www.joãodefretas.hpg.ig.com.br).

Revista Biosofia nº 8 - Horizontes de Sophia - A Reencarnação e a Religiões. Conteúdo na internet. [www.biosofia.net](http://www.biosofia.net).